



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DHC/ CAMPUS VI**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE –
PPGELS**

**EDUCAÇÃO SEXUAL PARA PREVENÇÃO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS EM ESCOLARES**

Caetité – BA

2022

MARCELO SILVA ALVES

**EDUCAÇÃO SEXUAL PARA PREVENÇÃO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS EM ESCOLARES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) / CAMPUS VI, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino, Linguagem e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Franklin de Freitas Mussi

Linha de Pesquisa: Ensino, Sociedade e Ambiente

Caetité – BA

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

FICHA CATALOGRÁFICA Sistema de Bibliotecas da UNEB

A474e

Alves, Marcelo Silva

Educação sexual para prevenção das infecções sexualmente transmissíveis em escolares/ Marcelo Silva Alves .- Caetité, 2022.

61 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Franklin de Freitas Mussi.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade - PPGELS, Campus VI. 2022.

Inclui referências, anexos e apêndices.

1. Educação sexual. 2. Infecções sexualmente transmissíveis. 3. Educação em saúde. I. Mussi, Ricardo Franklin de Freitas. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade - PPGELS Campus VI. 2022. IV. Título

CDD: 616.951



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
Autorização Decreto nº 9227/96, DOE 18/07/96. Reconhecimento Portaria 963/96, DOE 01/08/96

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO,
LINGUAGEM E SOCIEDADE



FOLHA DE APROVAÇÃO

" EDUCAÇÃO SEXUAL PARA PREVENÇÃO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS EM ESCOLARES "

MARCELO SILVA ALVES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE - PPGELS, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino, Linguagem e Sociedade pela Universidade do Estado da Bahia.

Aprovada, em 15 de junho de 2022, com nota 8,7.

Professor Dr. RICARDO FRANKLIN DE FREITAS MUSSI
Universidade do Estado da Bahia
Doutorado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina

Professor Dr. CLAUDIO BISPO DE ALMEIDA
Universidade do Estado da Bahia
Doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Professora Dra. ANA CLÁUDIA MORAIS GODOY FIGUEIREDO
Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde
Doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília

Professora Dra. TARCISIA CASTRO ALVES
Universidade Federal da Bahia
Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica pela Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me permitido a concretização de um desejo que se tornou sonho, e agora realidade.

Ao Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS-CAMPUS VI) pelo compromisso social em formar cidadãos críticos.

A todos os servidores (docentes, coordenadores, técnicos administrativos, estagiárias) que se empenham para o desenvolvimento das atividades do programa.

Ao meu orientador, Professor Dr. Ricardo Franklin de Freitas Mussi pelo apoio, dedicação, compromisso, paciência, sensatez e encorajamento para a construção deste trabalho.

A Elio Braga pela compreensão, companheirismo, força e carinho.

Aos meus familiares pela força, compreensão e confiança em todos os momentos desta etapa. Em especial a minha querida tia Alzenira (*In memoriam*) que sempre vibrou comigo nas minhas conquistas.

Aos meus queridos amigos pelo companheirismo e cumplicidade e me ajudarem a superar as dificuldades.

ALVES, Marcelo Silva. **Educação sexual para prevenção das infecções sexualmente transmissíveis em escolares**. Dissertação [Mestrado]. Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade, área de concentração em Ensino. Universidade do Estado da Bahia. Caetité-Bahia. 2022.

RESUMO

Esta pesquisa trata da Educação Sexual com uma abordagem sobre a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis causadas tanto por vírus, bactérias ou demais micro-organismos, que têm como via principal de transmissão a sexual (oral, vaginal, anal) sem proteção, com uma pessoa infectada. Mais de 376 milhões de novos casos anuais de Infecções Sexualmente Transmissíveis curáveis – clamídia, gonorreia, tricomoníase e sífilis – são diagnosticados entre pessoas de 15 a 49 anos, impactando na saúde e na vida das pessoas. A fase da adolescência é permeada por mudanças e, com estas chegam novas possibilidades, outras vivências, como os relacionamentos sexuais. Nesse sentido, as temáticas que envolvem a Educação Sexual na escola são essenciais para disseminar estratégias para prevenção e conhecimentos necessários para uma vida sexual saudável e segura. Com base no exposto, a presente investigação objetivou analisar na literatura científica, o conhecimento dos estudantes sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis e quais as estratégias de ensino em educação sexual voltadas às Infecções Sexualmente Transmissíveis em escolas da Educação Básica. Trata-se uma revisão integrativa da literatura a partir da pergunta de investigação: De acordo com a literatura científica, qual o conhecimento dos estudantes sobre as IST e as ações de ensino referentes a educação sexual relacionada à prevenção de IST em escolares? A busca dos artigos foi realizada por um único pesquisador entre os meses de setembro a novembro do ano de 2021, resultando em um total de 1.894 publicações, distribuídas entre as bases de dados *National Library of Medicine National Institutes of Health* (PubMed) 95,5%, *Latin American and Caribbean Center on Health Sciences Information* (LILACS) 2,8% e *Scientific Eletronic Library Online* (SciElo) 1,7%. Adotou-se os seguintes critérios de inclusão: estudos com dados primários que abordassem o tema proposto, fizessem referência à pergunta de pesquisa anteriormente mencionada e que estivessem disponibilizados integralmente nas bases virtuais; para que a busca fosse diversificada, não foi estabelecido recorte temporal; exclusão de capítulos de livros, artigos completos que não tinham livre acesso, resenhas, cartas ao editor, posicionamentos, artigos de reflexão; As produções que apresentaram duplicidade foram excluídas, portanto, sendo consideradas apenas uma vez. Do total de referências, treze estudos foram selecionados, analisados criticamente e estratificados em duas categorias para análise dos dados: conhecimento dos escolares das Infecções Sexualmente Transmissíveis; Intervenções em educação sexual e sua eficácia para o conhecimento das Infecções Sexualmente Transmissíveis. Os estudantes adolescentes possuem um déficit de conhecimento sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis e as intervenções, apesar de utilizarem várias abordagens metodológicas, tiveram aspectos similares, pois contribuíram para aquisição de conhecimentos do público em questão. A partir disso, foi elaborada uma sequência didática organizada em cinco atividades, com o intuito

de contribuir para o desenvolvimento da temática nas salas de aula do ensino médio para abordagem sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Palavras-chave: Educação Sexual; Infecções Sexualmente Transmissíveis; Educação em Saúde.

Sex education to prevent sexually transmitted infections in schoolchildren.

Thesis (Master's degree). Postgraduate Program in Teaching, Language and Society, area of concentration in Teaching. State University of Bahia. Caetité-Bahia. 2022.

ABSTRACT

This research deals with Sex Education with an approach to the prevention of Sexually Transmitted Infections caused by viruses, bacteria or other microorganisms, whose main route of transmission is sexual (oral, vaginal, anal) without protection, with a person infected. More than 376 million new annual cases of curable Sexually Transmitted Infections – chlamydia, gonorrhea, trichomoniasis and syphilis – are diagnosed among people aged 15 to 49, impacting people's health and lives. The adolescence phase is permeated by changes and, with these, come new possibilities, other experiences, such as sexual relationships. In this sense, the themes that involve Sex Education at school are essential to disseminate prevention strategies and knowledge necessary for a healthy and safe sex life. Based on the above, the present investigation aimed to analyze in the scientific literature, the knowledge of students about Sexually Transmitted Infections and what are the teaching strategies in sex education aimed at Sexually Transmitted Infections in Basic Education schools. This is an integrative literature review based on the research question: According to the scientific literature, what is the students' knowledge about STIs and teaching actions related to sex education related to the prevention of STIs in schoolchildren? The search for articles was carried out by a single researcher between the months of September and November of the year 2021, resulting in a total of 1,894 publications, distributed among the National Library of Medicine National Institutes of Health (PubMed) databases 95.5 %, Latin American and Caribbean Center on Health Sciences Information (LILACS) 2.8% and Scientific Electronic Library Online (SciELO) 1.7%. The following inclusion criteria were adopted: studies with primary data that addressed the proposed theme, made reference to the aforementioned research question and were fully available in virtual databases; in order for the search to be diversified, a time frame was not established; exclusion of book chapters, complete articles that were not freely accessible, reviews, letters to the editor, positions, reflection articles; The productions that presented duplicity were excluded, therefore, being considered only once. From the total number of references, thirteen studies were selected, critically analyzed and stratified into two categories for data analysis: students' knowledge of Sexually Transmitted Infections; Interventions in sex education and their effectiveness for the knowledge of Sexually Transmitted Infections. Adolescent students have a lack of knowledge about Sexually Transmitted Infections and the interventions, despite using various methodological approaches, had similar aspects, as they contributed to the acquisition of knowledge of the public in question. From this, a didactic sequence was elaborated, organized in five activities, in order to contribute to the development of the theme in high school classrooms to approach Sexually Transmitted Infections.

Keywords: Sex Education; Sexually Transmitted Infections; Health education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Corpo da dissertação

Figura 1. Fluxograma da Revisão integrativa – Conhecimento dos estudantes sobre IST e intervenções em educação sexual e sua eficácia para o conhecimento das IST.
.....30

Manuscrito

Figura 01 - Fluxograma da Revisão integrativa – Conhecimento dos estudantes sobre IST e intervenções em educação sexual e sua eficácia para o conhecimento das IST.
.....44

LISTA DE QUADROS

Corpo da dissertação

Quadro 1 - Caracterização dos estudos incluídos na revisão integrativa categoria 01– Conhecimento dos escolares das Infecções Sexualmente Transmissíveis.31

Quadro 2 – Caracterização dos estudos incluídos na revisão integrativa, categoria 02 dois – Intervenções em educação sexual e sua eficácia para o conhecimento das Infecções Sexualmente Transmissíveis.33

Manuscrito

Quadro 01 - Caracterização dos estudos incluídos na revisão integrativa categoria 01– Conhecimento dos escolares das Infecções Sexualmente Transmissíveis.....45

Quadro 02 - Caracterização dos estudos incluídos na revisão integrativa, categoria 02 dois – Intervenções em educação sexual e sua eficácia para o conhecimento das Infecções Sexualmente Transmissíveis.46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CMV	Citomegalovírus
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
HPV	Papilomavírus Humano
HSV	Vírus do Herpes Simples
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LILACS	<i>Latin American and Caribbean Center on Health Sciences Information</i>
MEC	Ministério da Educação
MEDLINE	<i>National Library of Medicine</i>
MESH	<i>Medical Subject Headings</i>
MS	Ministério da Saúde
NLM	Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PeNSE	Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar
PICO	Paciente Intervenção Comparação <i>Outcomes</i>
PRISMA	<i>Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses</i>
PSE	Programa Saúde na Escola
PubMed	<i>National Library of Medicine National Institutes of Health</i>
PVHIV	Pessoas Vivendo com HIV/AIDS
SciElo	<i>Scientific Eletronic Library Online</i>
TARV	Terapia Antirretroviral
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 A EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA: UMA INTERAÇÃO NECESSÁRIA.....	15
2.2 A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR	18
2.3 AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	21
3 MATERIAIS E MÉTODOS	25
3.1 MÉTODOS DO MANUSCRITO.....	25
3.2 MÉTODOS DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	35
3.2.1 Breve Descrição da Proposta de Atividades	37
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	39
4.1 MANUSCRITO 1	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

Este texto é o desdobramento de uma pesquisa que trata da Educação Sexual com abordagem sobre práticas de ensino, conhecimento e prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), tema este cercado de inúmeros tabus que dificultam aberturas para o aprofundamento e acolhimento dos estudos.

A nomenclatura Infecções Sexualmente Transmissíveis substituiu o termo Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), pois enfatiza a possibilidade de uma pessoa estar acometida e transmitir uma infecção, mesmo que não seja percebida a presença de sinais e sintomas (BRASIL, 2019). Essas infecções podem ser causadas tanto por vírus, bactérias ou demais micro-organismos e têm como via principal de transmissão a sexual (oral, vaginal, anal), sem o uso de preservativos, através de uma pessoa que esteja infectada (BRASIL, 2019).

As IST, apontadas como um dos problemas da saúde pública, impactam tanto a saúde como a vida das pessoas pelo mundo inteiro e isso pode relacionar-se, dentre outras coisas, à saúde reprodutiva e infantil, ocasionando infertilidade, complicações no período gestacional e no parto, morte fetal e agravos à saúde da criança; são também meios que facilitam transmissão, por via sexual, do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) (BRASIL, 2019).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), diariamente mais de 1 milhão de novos casos de IST curáveis são diagnosticados entre pessoas de 15 a 49 anos, ou seja, mais de 376 milhões de novos casos anuais de quatro infecções – clamídia, gonorreia, tricomoníase e sífilis (WHO, 2016).

Ao abordar o tema nas escolas, propicia-se o acesso às interpretações críticas acerca dos assuntos e situações que permeiam a sociedade contemporânea no tocante às IST (AMORAS; CAMPOS; BESERRA, 2015).

Entende-se que compreender a realidade em que se está inserido é fundamental, uma vez que através do conhecimento ocorre a libertação (ABRANTES; MARTINS, 2007), e que as questões relacionadas à prevenção de IST são tratadas conforme o momento histórico em que se manifestam.

Nessa perspectiva, lança-se também um olhar aos pontos relacionados à temática nos diversos contextos sociais, pois pensar em ações que possam contribuir para reflexões sobre atitudes que disseminam o desrespeito, o olhar para o outro

como anormal, somente pelo fato desse não se encaixar na padronização que ainda rege a sociedade hodierna (MATTA *et al.*, 2021).

Neste aspecto, entende-se que o ambiente escolar é um meio que pode proporcionar a preparação dos sujeitos para a vida, pois trata-se de um espaço multicultural, no qual ocorre o ensino e a aprendizagem através das interações com os indivíduos que ali estão (SALGADO; AZEVEDO, 2014; SANTOS, 2020).

Desse modo, propõe-se, justamente, favorecer reflexões que visem ao cuidado e à educação nas modalidades de ensino que são constituídas por adolescentes e jovens, fomentando aprofundamentos em relação a qual forma de contribuir para a prevenção do público discente de possíveis acometimentos relacionados às IST.

A aproximação nas escolas permite a observação e trocas de conhecimentos das suas múltiplas determinações, suas culturas, as interferências do ambiente e muitas outras no processo educacional, trazendo suas significações, as oportunidades geradas, os processos vivenciados e as práticas compartilhadas (COLARES; ARRUDA; COLARES, 2021). Ou seja, a escola é para além de um espaço educacional, mas também de trocas de saberes e relações diversas, capaz de influenciar na construção das identidades, portanto um espaço plural e diverso. Por isso é relevante considerar e respeitar as especificidades de cada pessoa (FERREIRA; BATTESTIN, 2021).

Refletir sobre a saúde sexual no ambiente escolar, segundo Gondim *et al.* (2015), traz a necessidade de reconsideração de posições, ressignificações de conceitos e “pré-conceitos”. Somado a isso, o respeito à livre orientação sexual, em conformidade com relações de igualdade de gênero, classe, raça/etnia, a produção de um ambiente pedagógico no qual os conhecimentos científicos sobre a temática sejam difundidos, são maneiras de promover a acessibilidade necessária de qualquer que seja o público participante (GONDIM *et al.*, 2015).

Ao longo dos anos, o Brasil tem carregado as marcas das desigualdades sociais, culturais e econômicas, circunstâncias estas que repercutem no desenvolvimento educacional da população brasileira, por tal motivo, as políticas públicas nacionais de saúde e educação são fundadas pela dimensão dos direitos humanos e coincidem com práticas históricas hegemônicas e homogeneizantes nas instituições de ensino (RUSSO; ARREGUY, 2015).

Na área da orientação sexual, a temática sexualidade vem adentrando às escolas, com o objetivo de prevenir as IST e a AIDS e gravidez na adolescência – o que faz parte, tradicionalmente, do âmbito da Saúde (RUSSO; ARREGUY, 2015).

Assim, diante das questões anteriormente apresentadas, emergiu a formulação do problema de pesquisa: Quais as ações de ensino sobre educação sexual relacionada à prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis em escolares e o conhecimento destes?

As perguntas para investigação são: Qual o conhecimento dos adolescentes sobre as IST? Quais as abordagens pedagógicas estão sendo utilizadas para ações de educação sexual em IST? Por que estruturar um produto pedagógico para o ensino relacionado às IST?

Logo, o objetivo geral é:

Analisar, na literatura científica, o conhecimento estudantil e as estratégias de ensino em educação sexual voltadas às IST.

Para tanto, foram definidos como objetivos específicos:

- Identificar nos estudos o conhecimento dos escolares sobre as IST;
- Identificar nos estudos quais as estratégias em sala de aula para abordar a educação sexual em IST;
- Elaborar uma sequência didática para o ensino de Educação sexual em IST.

Apesar das rotulações e dificuldades, é notória a relevância de tratar as questões relacionadas à Educação Sexual, uma vez que o assunto influencia, significativamente, no processo de reconhecimento dos alunos enquanto sujeitos das suas sexualidades, como também, nos cuidados e conhecimentos necessários para uma vida sexual saudável e segura. (QUEIROZ *et al.*, 2016).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA: UMA INTERAÇÃO NECESSÁRIA

A função da escola quanto ao ensino já está diretamente atrelada ao seu papel, enquanto instituição, mas que tem a possibilidade de inserção de temas relacionados à saúde, entretanto, as problematizações acerca da saúde na escola foram constituídas a partir do controle e prevenção ao adoecimento e de episódios que

comprometessem a saúde pela vigilância epidemiológica e sanitária, e assistência clínico-terapêutica (SILVA; BODSTEIN, 2016).

No panorama nacional, a partir dos anos de 1889, em que as ações voltadas à saúde escolar (também conhecida como higiene escolar) passaram a ter visibilidade. Pelo fato do contexto do período ser reconhecido por crises, condições precárias que perpassavam pela sociedade e epidemias, as intervenções tinham características sanitaristas e de campanhas (CAVALCANTI; LUCENA; LUCENA, 2015).

A transição a respeito da compreensão de saúde influenciou nas modificações do processo ensino-aprendizagem, o que direcionou a uma nova perspectiva acerca das reflexões para educação e saúde, sendo que as repercussões das práticas de saúde na escola ocorreram a partir da organização e composição estruturada dos programas para saúde na escola (GOMES, 2009).

Com o decorrer dos anos, segundo Cavalcanti; Lucena; Lucena (2015), a escola passou a ser um ambiente com possibilidades para o desenvolvimento de práticas voltadas à saúde, apesar de estarem diretamente apoiadas no modelo tradicional de saúde escolar, ou seja, eram realizadas intervenções momentâneas, tais como: suporte médico, imunização, rodas de conversa com profissionais da saúde, dentre outras ações, por isso conduzia ao entendimento de que as instituições escolares não teriam responsabilização pelo bem-estar dos estudantes, como salientam os autores supracitados.

Dessa maneira, ao serem percebidas necessidades de encaminhamentos para profissionais especializados, não se tinha uma organização de tais ações, bem como não eram consideradas como propósitos didáticos da escola (CAVALCANTI; LUCENA; LUCENA, 2015).

Nesse sentido, em relação a essa abordagem pontual, Cerqueira (2007) enfatiza que:

Na maioria dos casos, a escola tem sido lugar de aplicação de medidas de controle e prevenção de doenças, porque o setor Saúde costuma ver a escola como um lugar onde os alunos seriam um grupo passivo para a realização de ações de saúde. Os professores frequentemente se queixam de que o setor Saúde usa a escola e abusa do tempo disponível com ações isoladas que poderiam ser mais proveitosas, com um programa mais participativo e protagonista de atenção integral à saúde (CERQUEIRA, 2007 p. 36).

Diante dessas colocações, Figueiredo, Machado e Abreu (2010) discorrem que, conforme os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), pelo fato do trabalho

sempre constante dos docentes e outros profissionais de educação, os discentes deveriam ter a competência de se entenderem e conhecerem o corpo, além de cuidar dele praticando hábitos saudáveis para a qualidade de vida e provendo ações de responsabilidade relacionadas tanto à sua saúde e como à saúde coletiva.

Entretanto, a questão da saúde na escola enfrenta inúmeros obstáculos, entre eles o ensino integrado que favoreça competências para a vida e que perpassem todos os níveis e modalidades escolares (CORRÊA, TOASSI, FIRMINO, 2018).

Por isso, a interação entre docentes e técnicos em saúde, especificamente os que atuam na atenção básica, é necessária para o fortalecimento das propostas da escola, bem como a vigilância de condutas de risco, o que influenciaria nas atribuições das escolas no que se refere à saúde dos envolvidos no processo educacional (CERQUEIRA, 2007; CORRÊA; TOASSI; FIRMINO, 2018).

Nessa perspectiva, as finalidades atribuídas ao Programa Saúde na Escola (PSE), instituído pelo o Decreto Nº 6.286/2007, possibilita a articulação intersetorial entre Ministério da Educação (MEC) e o Ministério da Saúde (MS), com intuito de contribuir para a formação integral dos estudantes da Educação Básica da rede pública, por meio de ações educativas que integrem escolas públicas e serviços de saúde, na prevenção, promoção e atenção à saúde (BRASIL, 2011).

Ou seja, a escola acaba se configurando em um ambiente propício para produção de estratégias também voltadas à educação em saúde, onde ensinar e aprender leva as pessoas a decidirem apropriadamente acerca das atividades a serem desenvolvidas no seu cotidiano (MUSSI *et al.*, 2019). Dentre essas, a construção dos conhecimentos para proteção às IST dos participantes do âmbito escolar e outros problemas de saúde, fortalecendo, assim, a parceria entre profissionais da Educação e da Saúde.

Visto que as estratégias de ensino, educação e comunicação para prevenção do adoecimento e promoção da saúde sexual entre adolescentes, possibilitam o acesso a informações consistentes, tratadas pedagogicamente, o que amplia a possibilidade do desenvolvimento de uma vida sexual mais segura (QUEIROZ; ALMEIDA, 2018).

2.2 A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Educação Sexual pode ser considerada como uma das inúmeras ações voltadas ao ensino-aprendizagem que permeiam a sexualidade dos seres humanos, tendo a ciência de informações fundamentais, discussões e reflexões de valores, sentimentos, normas e as atitudes que estejam ligadas à vida sexual (FIGUEIRÓ, 2020).

A partir da definição do termo, entendemos que, por existir no ambiente escolar inúmeras possibilidades de interações entre docentes, discentes e gestores, a escola traz condições propícias para discutir várias temáticas, dentre estas, a educação sexual, o que influencia também na construção do conhecimento de todos os envolvidos no processo educacional (RUFINO *et al.*, 2013).

Nessa perspectiva, Figueiró (1995) enfatiza que os temas relacionados à Educação Sexual são valiosos, pois possibilitam o "abrir caminhos" para a evolução da criticidade nos educandos e para a conquista da democracia.

Apesar da sociedade ser repressora em relação à sexualidade, na qual ainda prevalecem associações do sexo como pecado, com algo feio e proibido, ou, também, com ideias de promiscuidade e de imoralidade (FIGUEIRÓ, 2009).

Essas concepções repercutem, muitas vezes, no entendimento pelos responsáveis pelos estudantes ao fomentarem resistência quanto ao trabalho sobre a educação sexual na escola, por entenderem que interferiria nas suas concepções religiosas e pessoais dos seus filhos (as) ou que o âmbito familiar seria o mais adequado para discutir a respeito do tema (OLIVEIRA; PEIXOTO; MAIO, 2013).

É indispensável se pensar a família como sua base e esta, muitas vezes, falha pela carência de diálogos e também de estrutura, o que influencia no aumento da demanda tanto da escola e como das instituições sociais que realizam intervenções nesse processo (FURLANI, 2011).

Entretanto, a escola está respaldada, perante as legislações, para tratar do tema, pois, em 1997, o MEC criou os PCN (BRASIL, 1997), que tinham como tema transversal a "orientação sexual", que aparece como uma "desmitificação" da sexualidade e uma reflexão sobre a diversidade que está na educação sexual (ROMA; FERREIRA, 2018).

Os PCN (BRASIL, 1997), elaborados com intuito de que o sistema educacional fosse orientado a partir de um currículo único em todo o Brasil, por isso, demonstra

uma possibilidade de orientação para construção das matrizes curriculares educacionais desde a educação infantil ao Ensino Médio. De acordo com a Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e os PCN (BRASIL, 1997), para as diversas disciplinas específicas do currículo as abordagens relacionadas à Educação Sexual, devem ser trabalhadas de maneira Transversal.

Especificamente para os anos finais do Ensino Fundamental, os PCN (BRASIL, 1997) orientam que temas como: o início da atividade sexual, virgindade, namoro, homossexualidade, concepção, aborto, masturbação, pornografia e outros devem ser abordados. Conforme o documento, os estudantes desse período escolar já teriam a maturidade necessária para problematizarem e refletirem no que concerne a tais temáticas.

Entretanto, acerca desta indicação, é preciso entender que a maturidade não é construída desde da passagem dos estudantes pelas séries escolares ou da idade, mas sim, construída socialmente e, mediante à inserção dessas temáticas pelos seus responsáveis, bem como em âmbito escolar a partir do momento do ingresso, pois isso contribui para que o estudante já tenha uma vinculação contínua com as discussões de acordo com a faixa etária, contribuindo para que não haja desconforto (BOCK, 2007).

No século passado, até os anos 80, a educação sexual não era tratada como essencial no decorrer das etapas de formação escolar, entretanto, nessa época, começou-se a verificar a necessidade de abordar o tema em virtude da incidência de gravidez indesejada e dos riscos de infecção pelo HIV no público composto por adolescentes e jovens, como apontam Roma e Ferreira (2018) e também em concordância com o que apontam os PCN (BRASIL, 1997).

As possibilidades contemporâneas da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), documento normativo da educação básica proposto pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2018), apresenta dez competências gerais para educação básica, dentre estas, na oitava consta as seguintes informações:

Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas. (BRASIL, 2018. p.10).

A partir dessa competência, entende-se que as discussões na escola no que tange aos assuntos voltados à educação sexual, auxiliando o corpo discente na construção do conhecimento do corpo, relacionamentos sexuais, situações de riscos

que podem influenciar na manutenção da saúde, ou seja reflexões sobre bons hábitos para a qualidade de vida.

Para Brêtas e Silva (2005), a Declaração dos direitos Sexuais desenvolvida no decorrer do XV Congresso Mundial de Sexologia ocorrido em Hong Kong em agosto de 1999, propõe, juntamente com diversos outros pontos, que o acesso ao conhecimento científico e ético de informações de cunho sexual é um direito que deve estar disponível de maneira apropriada e difundido em todas as classes sociais; educação sexual compreensiva – é algo processual e perdura pela vida inteira, envolvendo todas as instituições sociais.

Os autores supracitados também apontam que é necessária a criação de espaços no intuito de direcionar os adolescentes a concepções inovadoras referente a sexualidade, não somente como medo e apreensão que permeiam a infecção pelo HIV ou outra IST, dentre outros, mas como forma de prazer, distante das visões pessimistas no tocante ao assunto.

Tratar da temática no contexto escolar ainda exige que os profissionais da educação cada vez mais se desgarrem de atitudes que, muitas vezes, estão baseadas em formações religiosas ou preconceitos e, somado a isso, as ações educativas não devem apenas dar um enfoque nas questões que tratam das informações biológicas como únicas (FIGUEIRÓ, 2009). Ou seja, a escola precisa estar aberta para fomentar discussões que possam tratar da Educação Sexual de forma cotidiana e não apenas esporadicamente, uma vez que, ao praticar estas ações, assumirá que a educação sexual faz parte também de outras temáticas que precisam ser enfrentadas e debatidas (SILVA, 2015).

A Educação sexual, em consonância com Furlani (2011), possui oito abordagens que são enfoques teóricos em diferentes perspectivas, dentre elas a Biológica-Higienista, que prioriza as questões biológicas como essenciais e, geralmente está atrelada ao ensino formal.

A autora mencionada é bem enfática na centralidade do ensino na promoção da saúde e prevenção das IST, gravidez indesejada, reprodução humana, por essa razão considera a diferença entre o homem e a mulher a partir dos atributos corporais, isso pode acarretar no desenvolvimento de inúmeros preconceitos, como o machismo, sexismo, homofobia e, além de provocar limitações no currículo, ou seja:

Restrita ao biológico, sempre esteve presente no trabalho da educação sexual na escola, através das aulas de ciências e biologia.

Sua crítica maior reside não na sua presença (que sob o ponto de vista da saúde sexual é necessária), mas no fato de ser exclusiva – implicando um currículo limitado e reducionista (FURLANI, 2011, p. 16).

Nesse sentido, a abordagem apontada pela autora tem a sua relevância para o aprendizado, com ênfase sempre no respeito à individualidade do outro, que deve ser o foco principal, trazendo contribuições para o aumento dos conhecimentos dos alunos e manutenção/orientações quanto à saúde sexual.

2.3 AS INFEÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os adolescentes são impulsionados pela sociedade para a prática sexual e, muitas vezes, realizam o ato sexual com limitação de informações sobre as possíveis consequências ocasionadas por uma relação sexual sem proteção (JORGE *et al.*, 2017).

A mídia realiza divulgação ampla a respeito das questões que abarcam a sexualidade e a vida sexual, bem como a internet, entretanto, o conhecimento relacionado à temática na escola ainda não é disseminado suficientemente entre os adolescentes, podendo culminar na formulação de conceitos distorcidos, o que favorece os comportamentos de risco (AGUIAR *et al.*, 2017).

Dito isso, um estudo realizado em Fortaleza com trinta adolescentes identificou que o conhecimento e a prevenção acerca das IST foram assimilados negativamente pelos adolescentes, pois a maioria conhecia apenas o “básico”, expressando informações equivocadas, permeadas de mitos e tabus (MESQUITA *et al.*, 2017).

Outro fator de risco a ser considerado no público adolescente é uso de bebidas alcoólicas e drogas antes das relações, uma vez que influencia o sexo sem proteção que pode acarretar na vulnerabilidade à infecção por IST/HIV/AIDS pelo estado de êxtase, raciocínio diminuído, número de parceiros aumentado e impressão invulnerabilidade a qualquer outra situação de risco (MESQUITA *et al.*, 2017).

A utilização do preservativo nas relações sexuais é um dos métodos para prevenção mais difundidos e estimulados pelo sistema de saúde brasileiro, entretanto, no público jovem, há uma redução e uma resistência significativa ao seu uso. (FELISBINO-MENDES *et al.*, 2018; SILVA *et al.*, 2015).

Conforme apontaram os resultados do estudo de Chaves *et al.*, (2014), nos quais os adolescentes, além de apresentarem incertezas sobre a transmissão do HIV, 40,7% e 29,5% não usaram preservativo na primeira nem na última relação sexual, respectivamente, em decorrência de diversos motivos, como não ter o preservativo no momento, um percentual de 27,3%.

Os indicadores de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes a partir de dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), em 2015 (n = 102.072), que envolveu estudantes de escolas particulares e públicas, comparando-os aos de 2009 (n = 63.411) e 2012 (n = 109.104), identificaram que o uso de preservativo na última relação também diminuiu, de 75,9%, em 2009, para 66,2%, em 2015 (FELISBINO-MENDES *et al.*, 2018).

As IST com recorrência no público mais jovem são: Sífilis, Gonorreia, Cancroide, Hepatite B, Infecção pelo papilomavírus humano (HPV), Infecção por Herpes Genital, Infecção por *Chlamydia trachomatis*, infecção pelo HIV (BRASIL, 2019).

A sífilis é uma infecção bacteriana sistêmica, restrita ao ser humano. Existe na humanidade há séculos, é crônica, curável, seu agente etiológico, descoberto em 1905, é o *Treponema pallidum*, subespécie *pallidum* (BRASIL, 2020).

Apesar do acesso gratuito e fácil, os índices de contaminação ainda são elevados, caso não seja tratada adequadamente, a IST evolui para fases de gravidade diversificada, pois tem a possibilidade de se espalhar por muitos órgãos e sistemas do corpo (BRASIL, 2020).

A principal via de transmissão é por contato sexual; entretanto, pode ser transmitida verticalmente para o feto durante a gestação, caso a mãe esteja acometida pela infecção não tratada ou tratada de forma inadequada (BRASIL, 2020, AVELLEIRA; BOTTINO, 2006).

Os casos de sífilis no Brasil aumentaram nos últimos anos, de 2016 a 2020, sendo que as pessoas até os 20 anos de idade foram as mais acometidas (CALDANA *et al.*, 2021). A taxa de detecção passa de 34,1 casos/100.000 habitantes, em 2015, para 75,8 casos/100.000 habitantes, em 2018. Esse aumento abrange todas as classes sociais e idades, principalmente em adolescentes (CALDANA *et al.*, 2021).

Gonorreia é uma infecção causada por bactéria *Neisseria gonorrhoeae* que atinge a genitália. Frequentemente grande parte das mulheres infectadas não

apresentam sintomas, porém, nos acometidos do sexo masculino, há corrimento no pênis e dor no momento da liberação da diurese, dor nos testículos (BRASIL, 2019).

Essa ausência de sintomas leva as mulheres a não procurarem tratamento, o que pode agravar caso não seja tratada, causando Doença Inflamatória Pélvica, infertilidade, dor durante as relações sexuais, gravidez nas trompas, dentre outros danos à saúde (BRASIL, 2019).

No que se refere à Cancroide, trata-se de uma infecção causada pelo *Haemophilus ducreyi*, também conhecida como cancro mole, cancro venéreo ou cancro Ducrey, é recorrente em regiões tropicais, o risco de infecção em uma relação sexual é de 80%, mais frequente em homens e provoca lesões dolorosas, frequentemente múltiplas (BRASIL, 2020).

A hepatite B pode ser transmitida por via parenteral/percutâneo, sexual e vertical, acomete cerca de 350 milhões de indivíduos ao redor do mundo, o sangue é o veículo de transmissão mais importante, mas outros fluidos também podem transmitir, como o sêmen e saliva (BRASIL, 2017; Brasil, 2020).

A infecção por hepatite B traz graves consequências como a cirrose e o carcinoma hepatocelular; apesar de que exista a vacina e esta ser eficaz a infecção, no Brasil há um número significativo de pessoas acometidas, evidenciando a crescente exposição, principalmente com altas prevalências na Região Norte, em comunidades ribeirinhas e indígenas (BRASIL, 2017; Brasil, 2020).

Acerca da Hepatite C, a transmissão é parecida à hepatite B, porém, com vias sexual e vertical pouco frequentes, com exceção das gestantes com carga viral alta ou infectadas anteriormente por HIV (BRASIL, 2017; Brasil, 2020).

A infecção pelo papilomavírus humano (HPV) é considerada a IST com maior incidência em todo o mundo. Alguns tipos do vírus geram câncer no colo uterino e ânus, além da boca e na garganta (BRASIL, 2020). Estima-se que 80% das pessoas com vida sexual ativa já teve contato com o vírus (CARDIAL *et al.*, 2019). Na atualidade já foram identificados um quantitativo superior a 200 tipos de HPV, e, aproximadamente 40 tipos atacam o trato anogenital (CARDIAL *et al.*, 2019; BRASIL, 2020).

Os Vírus do Herpes simplex tipos 1 e 2 pertencem à família *Herpesviridae*, da qual fazem parte o Citomegalovírus (CMV), o vírus da varicela zoster, o vírus Epstein-Barr e o vírus do herpes humano 8; a transmissão ocorre pelo contato sexual com uma pessoa infectada (BRASIL, 2019).

Apesar dos HSV-1 e HSV-2 provocarem lesões em qualquer região do corpo, as do tipo 2 provocam as lesões predominantemente genitais e do tipo 1 as lesões perorais (BRASIL, 2019). O vírus ocasiona pequenas bolhas e lesões dolorosas na região genital masculina e feminina, geralmente causam ardor, coceira, dor ao urinar e mesmo febre, e os sintomas podem ser recorrentes ou se prolongarem caso a imunidade esteja baixa (BRASIL, 2019).

A clamídia é uma IST causada pela bactéria *Chlamydia Trachomatis*, que pode afetar tanto homens como mulheres com vida sexual ativa. A infecção geralmente fica localizada nos órgãos genitais, mas pode acometer a garganta e os olhos, entretanto, frequentemente é assintomática em 70% a 80% dos casos (BRASIL, 2020). Os sintomas mais frequentes na mulher são: corrimento amarelado ou claro, sangramento espontâneo ou no momento do contato sexual, dor ao urinar e/ou durante as relações sexuais; já nos homens: ardência ao urinar, corrimento uretral purulento e dor nos testículos (BRASIL, 2020).

A pesquisa de Pereira e Costa (2020) identificou que, em Portugal, a taxa de infecção por Clamídia em adolescentes entre 13 e 19 anos é alta, a adesão ao uso do preservativo pelos adolescentes é baixa, têm múltiplos parceiros sexuais, deficiente educação sexual e altas taxas de reinfeção.

Os autores afirmam que no segundo o relatório do *European Centre for Disease Control* foram notificados 116 e 167 casos de clamídia na faixa etária dos 15-24 anos, em 2017 e 2018, respectivamente, para cada 100.000 habitantes (PEREIRA; COSTA, 2020).

A infecção pelo HIV desencadeia estágios que podem ter durações variadas condicionadas à resposta imunológica da pessoa infectada e da carga viral (BRASIL, 2020). No período da infecção aguda ocorrem os sinais e sintomas iniciais bem inespecíficos da doença, da primeira a terceira semana após o contato com o vírus (BRASIL, 2020).

Posteriormente, a infecção assintomática por HIV pode durar anos, até a chegada das Infecções oportunistas (tuberculose, neurotoxoplasmose, neurocriptococose) e algumas neoplasias (linfomas não Hodgkin e sarcoma de Kaposi), quando há o aparecimento desses eventos denominam a AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) (BRASIL, 2020; BRASIL, 2017).

Dados da UNAIDS (2016), informam que a taxa de detecção de novos casos de AIDS entre jovens do sexo masculino na faixa etária entre 15 - 19 anos quase que

triplicou em todo o mundo, passando de 2,4 para 6,9 casos por 100 mil habitantes. Entre os jovens de 20 a 24 anos, a taxa mais do que dobrou, passando de 15,9 para 33,1 de novos casos por 100 mil habitantes, de 2006 a 2015 (CAETANO *et al.*, 2018).

Segundo dados do SINAN, de 2007 a junho de 2019, o Brasil registrou 300.496 casos de infecção pelo HIV, sendo 746 (0,2%) na faixa etária entre 10 e 14 anos e 17.169 (5,7%) entre 15 e 19 anos (FERRO *et al.*, 2021).

Para o enfrentamento da epidemia de HIV no Brasil uma das ações é alcançar a meta 90-90-90, na qual, até 2020, 90% das pessoas infectadas pelo HIV sejam diagnosticadas, para isto ampliou-se o acesso ao diagnóstico do HIV; dessas, que 90% estejam em terapia antirretroviral (ampliando o acesso à TARV); e que 90% tenham carga viral indetectável (indicando boa adesão ao tratamento e qualidade da assistência à PVHIV – pessoas vivendo com HIV/AIDS). Entretanto, apesar das novas metodologias de cuidado e de gestão realizadas é necessário também um empenho da sociedade para os efeitos positivos dessas metas (BRASIL, 2020; BRASIL, 2017).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 MÉTODOS DO MANUSCRITO

O estudo aqui desenvolvido é de natureza bibliográfica por meio de uma revisão integrativa da literatura. Esta modalidade de revisão é possibilita a avaliação de estudos embasados cientificamente em relação a determinada temática por meio das comprovações do que foi encontrado em pesquisas primárias (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

As etapas aplicadas para construir a revisão foram as seguintes: 1- elaboração da temática e pergunta de investigação; 2- identificação dos descritores em busca na literatura; 3- estruturação da rotina *booleana* dos termos e coleta de dados; 4- aplicação dos critérios de inclusão e exclusão seguida de análise crítica dos estudos; 5- discussão dos resultados; e 6- apresentação da revisão integrativa (GANONG, 1987).

- Etapa 1: elaboração da temática e pergunta de investigação.

Nas revisões integrativas, esta fase é considerada relevante, pois constituirá o norteamento da pesquisa. Por isso é necessário que o pesquisador realize a identificação do problema e a que se propõe a revisão, de maneira distinta e compreensível. Para tanto, a explanação da temática precisa estabelecer relação com a teoria, bem como as definições do material que será analisado (GANONG, 1987).

Para a construção da pergunta de investigação, foram utilizadas as orientações e recomendações do PICO, sendo um acrônimo para P (Paciente), I (intervenção), C (comparação) e O (*outcomes/desfecho*) (SANTOS; PIMENTA; NOBRE; 2007). Desse modo, P- Estudantes da educação básica; I- Revisão de literatura; C- Não se aplica; O- Intervenções realizadas sobre a Educação Sexual em Infecções Sexualmente Transmissíveis e conhecimento dos estudantes. Chegou-se a seguinte pergunta de investigação: De acordo com a literatura científica, qual o conhecimento dos estudantes sobre as IST e as ações de ensino referentes a educação sexual relacionada à prevenção de IST em escolares?

- Etapa 2: identificação dos descritores e busca na literatura.

A definição dos descritores é relevante, pois:

O vocabulário estruturado e multilíngue DeCS – Descritores em Ciências da Saúde foi criado pela BIREME para servir como uma linguagem única na indexação de artigos de revistas científicas, livros, anais de congressos, relatórios técnicos, e outros tipos de materiais, assim como para ser usado na pesquisa e recuperação de assuntos da literatura científica nas fontes de informação disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) como LILACS, MEDLINE e outras (BVS, 2021).

Nesse sentido, é essencial enfatizar a diferença entre palavra-chave e descritor: a primeira não obedece as estruturas, ou seja, é aleatória e retirada de textos de linguagem livre; já os descritores passam por um estrito controle de sinônimos, significado e importância na árvore de um determinado assunto; são dispostos em estruturas hierárquicas, que permitem facilitar a pesquisa e a posterior recuperação do artigo (BRANDAU; MONTEIRO; BRAILE, 2005).

Portanto, utilizou-se uma planilha na qual fosse possível organizar o número de vezes que os descritores apareciam nos trabalhos na base de dados Google Acadêmico, os 30 primeiros resultados foram consultados e os descritores mais recorrentes foram admitidos para verificação da pertinência no Descritores em Ciências da Saúde (DECS, 2021). Aqueles presentes e seus similares foram aceitos

para a composição da rotina de busca distribuídos em dois eixos, um relativo às Infecções Sexualmente Transmissíveis e outro centrado na Educação em Sexual, considerando suas representações na Língua Portuguesa, Inglesa e Espanhola.

Posteriormente, foi realizada a consulta na (BVS) dos termos nos idiomas Português, Inglês e Espanhol: Doenças Sexualmente Transmissíveis, Enfermedades Sexualmente Transmisibles, Sexually Transmitted Diseases, Infecções Sexualmente Transmissíveis, Enfermedades de Transmisión Sexual, Educação em Saúde, Health Education, Educación en Salud, Educação Sexual, Sex Education, Educación Sexual.

- Etapa 3: estruturação da rotina booleana dos termos e coleta de dados.

Nesta etapa utilizou-se de termos dos Descritores e seus respectivos sinônimos mais recorrentes e suas versões em Língua Portuguesa, Inglesa e Espanhola em Ciências da Saúde, combinados através da técnica de truncamento e dos operadores booleanos *OR* e *AND*, que são um dos recursos utilizados para restringir ou ampliar uma busca. A rotina ficou da seguinte maneira: Doenças Sexualmente Transmissíveis OR Enfermedades Sexualmente Transmisibles OR Sexually Transmitted Diseases OR Infecções Sexualmente Transmissíveis OR Enfermedades de Transmisión Sexual AND Educação em Saúde OR Health Education OR Educación en Salud AND Educação Sexual OR Sex Education OR Educación Sexual.

Então, partiu-se para a busca de artigos, no período de setembro a outubro de 2021, a partir de três bases de dados eletrônicas: *National Library of Medicine National Institutes of Health* (PubMed), *Scientific Eletronic Library Online* (SciElo), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS).

De acordo com a USP (2010), a PubMed é um recurso grátis desenvolvido e mantido pela Biblioteca Nacional de Medicina (NLM®) dos Estados Unidos e que oferece acesso aos recursos relacionados ao *National Library of Medicine* (MEDLINE). A PubMed também contém: registros de artigos em fase de indexação, informações sobre os publicadores das revistas *Medical Subject Headings* (MESH) (Vocabulário controlado da NLM), OLDMEDLINE, registros de livros disponíveis no NCBI *Bookshelf*, links para sites que possuam artigos com texto completo e outros assuntos relacionados. Para esta base, utilizou-se os descritores apenas na Língua Inglesa.

SciELO¹ é um modelo para a publicação eletrônica cooperativa de periódicos científicos na Internet. Especialmente desenvolvido para responder às necessidades da comunicação científica nos países em desenvolvimento e particularmente na América Latina e Caribe, o modelo proporciona uma solução eficiente para assegurar a visibilidade e o acesso universal a sua literatura científica, contribuindo para a superação do fenômeno conhecido como 'ciência perdida'. Além de conter procedimentos integrados para medir o uso e o impacto dos periódicos científicos.

LILACS² é uma base de dados especializada na área da saúde, com literatura científica e técnica de 26 países da América Latina e do Caribe, com acesso livre e gratuito. Possui cerca de 900 mil de registros de artigos de revistas com revisão por pares, teses e dissertações, documentos governamentais, anais de congressos e livros. Mais de 480 mil deles disponíveis com link de texto completo em acesso aberto.

A técnica adotada para busca nessas bases foi realizada a partir dos seguintes filtros: texto disponível grátis, Idiomas Português, Inglês e Espanhol, busca avançada com ocorrência da combinação de descritores nos títulos e resumos dos trabalhos.

- Etapa 4: aplicação dos critérios de inclusão e exclusão seguida de análise crítica dos estudos.

Esta etapa equivale à análise dos dados de uma pesquisa tradicional com a utilização de ferramentas adequadas. Por isso, com objetivo de garantir a robustez da revisão, ocorreu a análise detalhada dos estudos inclusos. Tal análise exige criticidade, buscando explicações para resultados divergentes ou com conflitos nos estudos (GANONG, 1987; BROOME, 2000).

- 1- Estudos com dados primários que abordassem o tema proposto e fizessem referência à pergunta de pesquisa, anteriormente mencionada, e que estivessem disponibilizados integralmente nas bases virtuais;
- 2- Para que a busca fosse diversificada não foi estabelecido recorte temporal;
- 3- Exclusão de capítulos de livros, artigos completos que não tinham livre acesso, resenhas, cartas ao editor, posicionamentos, artigos de reflexão;

¹ A definição da base de dados SciELO foi extraída da plataforma e está disponível em: <<http://old.scielo.org/php/level.php?lang=pt&component=56&item=1>> .

² A definição da base de dados LILACS está disponível em: <<https://lilacs.bvsalud.org/>>

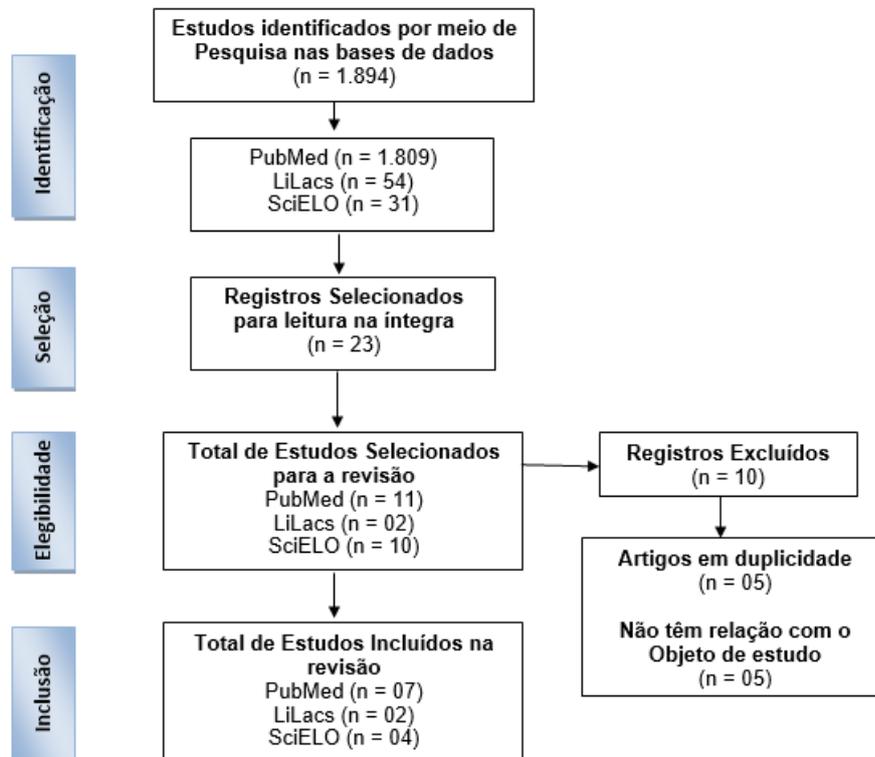
- 4- As produções que apresentaram duplicidade foram excluídas, portanto, sendo consideradas apenas uma vez.

A busca resultou em um total de 1.894 publicações, distribuídas da seguinte maneira: 95,5% no Pubmed, 2,8% na Lilacs e 1,7% no Scielo. Após leitura criteriosa dos títulos e resumo de todos os textos, 1871 foram excluídos por não apresentarem conformidade com a questão proposta nesta revisão. Dos 23 encaminhados para a leitura integral, cinco não tratavam da temática de interesse e cinco apresentaram duplicidade, sendo excluídos. Assim, restaram 13 produções que atenderam aos pressupostos metodológicos delineados para este estudo.

Para apresentação dos estudos incluídos nesta revisão foi utilizado o fluxograma proposto pelo PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*), conforme figura 01.

A seleção da amostra dos estudos deu-se a partir da leitura de título-resumo para determinação daquelas publicações que passariam pela leitura do texto integral, adotando os critérios de inclusão:

Figura 1. Fluxograma da Revisão integrativa – Conhecimento dos estudantes sobre IST e intervenções em educação sexual e sua eficácia para o conhecimento das IST.



Para avaliar o nível de evidência científica, expostos nos quadros sinópticos 01 e 02, adotou-se a classificação proposta por Melnyk e Fineout-Overholt (2005) a qual abrange sete níveis: (I) evidências provenientes de revisões sistemáticas ou metanálise oriundas de ensaios clínicos; (II) evidências derivadas de pelo menos um ensaio clínico randomizado, controlado, bem delineado; (III) evidências provenientes de ensaios clínicos sem randomização; (IV) evidências originadas de estudos de coorte e de caso-controle bem delineados; (V) evidências derivadas de revisões sistemáticas de estudos descritivos e qualitativos; (VI) evidências derivadas de um único estudo descritivo ou qualitativo; (VII) evidências provenientes de opinião de autoridades ou relatório de comitês de especialistas.

- Etapa 5: Discussão dos resultados.

Compreende a discussão dos principais resultados, ou seja, efetua-se a análise crítica dos estudos incluídos, as conclusões, bem como os resultados da revisão

integrativa. Nesse sentido, ao identificar possíveis lacunas, foram apresentadas recomendações consistentes para pesquisas posteriores (GANONG, 1987).

A partir dos manuscritos selecionados e, para contemplar os objetivos propostos e a pergunta de pesquisa, foram delimitadas duas categorias para análise, conforme organização dos quadros sintéticos, constando: autoria, ano de publicação, periódico, país, delineamento do estudo, achados pertinentes à proposta de pesquisa e nível de evidência científica, conforme quadros 01 e 02 do manuscrito.

No Quadro 01 constam os estudos inclusos da categoria um: Conhecimento dos escolares das Infecções Sexualmente Transmissíveis. No quadro 02 constam os artigos inclusos da categoria dois: Intervenções em educação sexual e sua eficácia para o conhecimento das Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Quadro 1 - Caracterização dos estudos incluídos na revisão integrativa categoria 01– Conhecimento dos escolares das Infecções Sexualmente Transmissíveis.

País, Ano/ Autor/ Periódico	Delineamento	Achados Pertinentes	Evidência Científica
Brasil, 2017 ALMEIDA, <i>et al.</i> Revista Brasileira de Enfermagem	Coleta em 2015 22 adolescentes 16-19 anos Coleta por entrevista individual Qualitativo descritivo	Os participantes não conseguiram reconhecer sintomas que as IST provocam e as formas de transmissão da AIDS.	Nível VI
Itália, 2016 DRAGO, <i>et al.</i> Rev. Inter. de pesquisa ambiental e saúde pública	Coleta em abril de 2013 a junho de 2014 2.867 adolescentes média de 17 anos Coleta por questionário individual Quantitativo descritivo	Início da vida sexual por volta dos 15 anos; alguns dos estudantes: já usaram drogas; não conheciam algumas IST; acreditavam que só homossexuais e prostitutas poderia transmitir IST e não compartilhariam espaços com pessoas com HIV; apenas 0,5% dos adolescentes reconheceram as IST; confusos sobre o significado de contracepção e prevenção; apenas 22%	Nível VI

		sabiam que preservativos e abstinência são os únicos métodos de prevenção de IST;	
Índia, 2008 MCMANUS, DHAR (PERIÓDICO)	Coleta em 2007 251 escolares 14-19 anos Coleta por questionário individual Transversal quantitativo	Cerca de 30% dos entrevistados consideraram que o HIV / AIDS poderia ser curado, 41% estavam confusos sobre se a pílula anticoncepcional poderia proteger contra a infecção pelo HIV; não reconheciam alguns métodos proteção das IST, buscavam outras para informar-se sobre IST, vergonha de procurar serviço de saúde.	Nível VI
Marrocos, 2019 EL KAZDOUH, <i>et al.</i> Reproductive Health	Coleta maio-junho 2016 56 adolescentes 14-16 anos Coleta por grupos focais com gravação Qualitativo Observacional	Os estudantes tinham limitação no conhecimento dos meios de transmissão, métodos de prevenção das as IST e HIV; buscavam outras para informar-se sobre IST, vergonha de procurar serviço de saúde.	Nível VI
Brasil, 2007. TORRES; BESERRA; BARROSO Esc Anna Nery Rev. Enferm.	Qualitativo com grupo focal.	Os estudantes buscavam outras para informar-se sobre IST, vergonha de procurar serviço de saúde, meninas mais propensas em submeter-se a uma relação sem proteção, adolescentes reproduziram a condição atual de submissão feminina aos desejos masculinos.	Nível VI
Brasil, 2017 GENZ, <i>et al.</i>	532 adolescentes 10- 19 anos	Início da vida sexual entre 14 e 16 anos. Alguns participantes não sabiam as formas de transmissão das IST e acreditavam que a	Nível VI

Texto contexto – enferm	Coleta por questionário individual Descritivo, observacional, de caráter quantitativo	pílula anticoncepcional poderia preveni-las.	
Brasil, 2013. COSTA, <i>et al.</i> Revista Gaúcha de Enfermagem	Coleta em 2012 295 adolescentes Coleta por questionário individual Estudo transversal, quantitativo	Início da vida sexual entre 10 e 17 anos, A maioria dos adolescentes participantes apresentou conhecimento coerente sobre práticas sexuais e comportamentos de risco, que os tornam vulneráveis às IST e ao HIV, apresentando aspecto positivo para a prevenção destas infecções.	Nível VI

Quadro 2 – Caracterização dos estudos incluídos na revisão integrativa, categoria 02 dois – Intervenções em educação sexual e sua eficácia para o conhecimento das Infecções Sexualmente Transmissíveis.

País, Ano/ Autor/ Periódico	Delineamento	Achados Pertinentes	Evidência Científica
República Tcheca, 2021 MACOUNOVÁ, <i>et al.</i> INTERNATIONAL JOURNAL OF ENVIRONMENTAL RESEARCH AND PUBLIC HEALTH	Coleta 2018-2019 1.210 adolescentes 13-19 anos Coleta por questionário pré e pós intervenção palestras, jogos interativos Quantitativo descritivo	Utilizaram-se palestras, Jogos, manequins. Devido ao aumento observado no conhecimento, especialmente entre os participantes mais jovens (13–14 anos) recomenda-se direcionar outras intervenções nos grupos de idade mais jovem.	Nível VI
2015 BORAWSKI, <i>et al.</i> THE JOURNAL	Coleta 2000-2002 1.357 adolescentes Intervenção randomizada	Utilizou-se oficinas pedagógicas e outros materiais os grupos relataram melhorias significativas no conhecimento sobre HIV/	Nível VI

OF SCHOOL HEALTH		DST/ preservativo imediatamente após a intervenção. No entanto, aqueles ensinados por enfermeiras escolares relataram mudanças significativas e sustentadas (até 12 meses após a intervenção).	
Espanha, 2005. PÉREZ, <i>et al.</i> Rev Esp Salud Pública	Aplicação 2003-2004 238 adolescentes a média de idade foi de 15,59 anos Questionário pré e pós intervenção	Oficinas em grupos. Após a intervenção, notou-se melhora no grau de conhecimento relacionado aos métodos anticoncepcionais e transmissão do HIV/AIDS.	Nível VI
Peru, 2005 VELASQUEZ An. Fac. med	Aplicação 2005 Utilização de recuso multimídia interativo 454 adolescentes 14-17 anos Aplicação de questionário individual pré e pós intervenção	Início da vida sexual entre 13 e 15 anos, buscavam outras para informar-se sobre IST, vergonha de procurar serviço de saúde. Utilizou-se CD multimídia interativo para abordar IST. A estratégia útil na aprendizagem da prevenção de IST e HIV/AIDS. Os resultados deste estudo mostraram que o recurso educacional melhorou o conhecimento dos adolescentes sobre a temática.	Nível VI
Equador, 2001. BARROS <i>et al.</i> Rev Panam Salud Publica	Aplicação 1997-1998 358 Adolescentes 12-15 anos no grupo intervenção Estudo antes e depois de uma intervenção educacional Transversal Descritivo	Início da Vida sexual entre 13 e 14 anos. Utilizou-se oficinas com jogos, fichas Verificou-se aumento do conhecimento sobre IST/AIDS no de intervenção, embora a modificação de comportamento a longo prazo ainda não foi avaliada.	Nível VI
Nigéria, 2008. ESERE	24 adolescentes 13-19 anos	Pequenos grupos e jogos, dramatização para desenvolvimento de competências de escolha, folhetos Os resultados revelam que	Nível VI

African Health Sciences	Estudo antes e depois de uma intervenção educacional	houve uma diferença significativa referente aos comportamentos sexuais de risco entre os adolescentes que participaram do programa.	
-------------------------	--	---	--

- Etapa 6: Apresentação da revisão

Nesta etapa são inclusas informações necessárias para que o leitor avalie a significância dos procedimentos realizados para a elaboração da revisão, os pontos referentes ao tópico tratado e o detalhamento dos estudos inclusos. Por isso, deve-se explicar claramente os procedimentos empregados nas etapas anteriores (GANONG, 1987).

A apresentação da revisão a partir do manuscrito: **EDUCAÇÃO SEXUAL E AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM ESCOLARES**, está na seção resultados e discussão – Resultados e Discussão desta dissertação.

3.2 MÉTODOS DO PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional dos programas *stricto senso* da área de ensino é resultante de um processo concebido de uma pesquisa, podendo ser um artefato real ou virtual, ou um processo, visando responder à pergunta/problema proveniente da pesquisa (RIZZATI *et al.*, 2020).

A CAPES (coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) área de ensino, estabeleceu sobre produtos educacionais:

Esse produto pode ser, por exemplo, uma sequência didática, um aplicativo computacional, um jogo, um vídeo, um conjunto de vídeo-aulas, um equipamento, uma exposição, entre outros. A dissertação/tese deve ser uma reflexão sobre a elaboração e aplicação do produto educacional respaldado no referencial teórico metodológico escolhido (BRASIL, 2019, P.15).

Nesse sentido, a proposta da construção de uma Sequência Didática está alinhada com a pesquisa apresentada, pois diante dos mitos e tabus que permeiam o debate sobre a saúde sexual em IST, uma vez que se trata de um modelo flexível no

qual poderão ser anexadas novas atividades e recursos conforme a realidade e necessidade de cada sujeito.

O referido tipo de instrumento pedagógico, pela sua definição – um conjunto de atividades ligada entre si, que integra leitura, escrita, pesquisa, produção e avaliação (GONÇALVES; FERRAZ, 2016), cumpre o objetivo enquanto produto/proposta, uma vez que, contempla o desenvolvimento do conteúdo de forma que os alunos terão a possibilidade de aprendizagem dos conceitos apresentados, em consonância com a sua realidade e, ainda, tendo em vista a percepção em relação si mesmo e aos outros.

Para mais, o material servirá como base para a elaboração de práticas didáticas para o Ensino Médio e, para o Ensino Fundamental II, o (a) professor (a) deverá fazer suas adaptações de acordo com a idade e realidade dos (das) estudantes.

Assim, o presente dispositivo, ao ser desenvolvido, contribui para a construção do pensamento crítico frente às IST, numa perspectiva tal, que as (os) estudantes possam entender o conteúdo não somente de forma isolada, mas para uma ação além, até mesmo para a construção de novas formas de se relacionar socialmente, sobretudo, em relação à quebra dos mitos relacionados a essas infecções, aos cuidados e ao rompimento do preconceito e discriminação para com as pessoas infectadas ou curadas.

Ademais, tendo em vista a evolução da Tecnologia da Informação e da Comunicação, tem-se para esta Sequência a escolha do uso do recurso de multimídia, pois, como defende Orofino (2008, p.122), “a escola é um local de apropriação da mídia”.

Nessa lógica, as novas tecnologias trouxeram mudanças na forma de realizar as inúmeras atividades e despertam o interesse de todos, e são um atrativo especial para as crianças e os jovens, surgindo novas possibilidades de estratégias de métodos de ensino, trazendo contribuições para uma educação mais qualificada e conecta ao conhecimento escolar e ao currículo, direcionando a uma melhor aprendizagem (NERLING; DARROZ, 2021).

Ou seja, a utilização de recursos midiáticos como filmes, série e outros artefatos do tipo, dos quais os (as) docentes poderão adaptar, possibilita um diálogo melhor com a geração atual, principalmente, o público mais jovem, tão imerso nas fascinantes telas brilhantes.

A mídia, atrelada à emancipação dos sujeitos por meio dos avanços tecnológicos, está dentro dos lares, nas ruas, nas demandas de trabalho e no lazer.

Por isso, a educação precisa incorporá-la de tal modo que o aprendizado, além de ser direito da pessoa, seja eficiente, cotidiano e significativo.

Portanto, se tratando da abordagem de um tema tão complexo e até mesmo difícil ainda de ser trabalhado nas escolas e, em conformidade com os resultados apresentados e discutidos no manuscrito 01, o uso desses recursos mencionados viabilizará a discussão, pois tornará a aula mais leve, podendo atrair mais a atenção, conseqüentemente, potencializar o aprendizado.

O produto educacional está composto por descrição técnica, apresentação, fundamentação teórica e cinco propostas de atividades diversificadas sobre a Educação Sexual em IST. Para melhor organização e desenvolvimento, cada proposta foi estruturada com os seguintes tópicos: Área do conhecimento: Ciências da Natureza e suas tecnologias/ Ciências Humanas e suas tecnologias; Conteúdo; Etapa da educação básica: Ensino Médio e Ensino Fundamental II (anos finais) – desde que adaptações sejam realizadas; Tempo de aula sugerido: 02 aulas de cinquenta minutos cada; Objetivos da aprendizagem: três para cada proposta; Habilidades e competências da BNCC (2018); Recursos; Estratégias; Prática Metodológica; Fontes Sugeridas.

3.2.1 Breve Descrição da Proposta de Atividades

Proposta de atividade 01:

Nesta aula introdutória ao conteúdo IST a (o) docente apresenta o conteúdo e informa que as (os) discentes assistirão ao episódio 01 da segunda temporada da série *Sex Education*. No episódio a comunidade discente enfrenta a problemática de um surto de clamídia e relata como é o enfrentamento por parte da gestão escolar e docentes, os mitos e o preconceitos para aquelas (es) que foram infectadas (os).

Posterior ao vídeo, propõe-se uma discussão sobre o que foi assimilado pelas (os) discentes e prática de manuseio/colocação de preservativos masculino e feminino, logo após uma dinâmica: “Eu o abraçaria”. A avaliação da atividade se dá com questionamentos as (aos) alunas (os) quanto ao que foi assimilado e propõe-se uma pesquisa para próxima aula sobre outras IST, além das já mencionadas. Ao final é indicada fonte para consulta.

Proposta de atividade 02:

Para continuidade do conteúdo será realizada uma conversa inicial com as (os) discentes abordando as IST que foram pesquisadas. Posteriormente, a (o) docente entrega pequenos textos contendo informações sobre as IST (características, formas de transmissão e tratamento), orienta como se produz um mapa mental e solicita que as (os) discentes leiam os textos para construção de um mapa mental em grupos, que serão utilizados na próxima aula. Avalia-se o conteúdo trabalhado questionando quais as facilidades e dificuldades encontradas para execução das propostas. Nas fontes sugeridas constam dois *links*: um direciona a um vídeo que auxilia a construção de mapas mentais e o outro com informações do ministério da saúde sobre IST.

Proposta de atividade 03

Nestas aulas, para as atividades, serão utilizados os mapas mentais confeccionados na aula anterior, para tanto a (o) docente organiza a sala em círculo aberto afim de que cada grupo apresente o material produzido com as informações sobre as IST. A partir das discussões a (o) docente aborda outras ações que favorecem a transmissão das IST, enfatizando as medidas de prevenção e serviços de saúde que fazem a abordagem das pessoas que passaram por situações de risco e, caso perceba que a discussão precisa ser ampliada, propõe-se o contato com um profissional de saúde para maiores esclarecimentos à turma. A sugestão de avaliação é que cada discente exponha o que foi assimilado e atribuam nota para cada grupo. Como sugestão de material de apoio, disponibiliza-se um *link* que direciona a um artigo para auxiliar no desenvolvimento do conteúdo da aula.

Proposta de Atividade 04

As aulas serão designadas para apreciação do documentário “Carta para além dos muros” que trata da trajetória do HIV e da AIDS, com ênfase no Brasil, abordando como a sociedade enfrentou a fase mortífera da epidemia com o passar dos anos, os avanços no tratamento e o estigma imposto às pessoas acometidas.

A (o) docente direciona, brevemente, uma discussão sobre o que as (os) discentes conseguiram assimilar a partir da visualização do documentário e solicita que eles produzam um texto com o tema “A AIDS NÃO TEM CARA E NEM CURA”.

Proposta de Atividade 05

A partir da leitura do texto solicitado na aula anterior, a (o) docente promove uma roda de conversa com as (os) discentes, acerca das questões que permeiam a infecção por HIV/AIDS, a importância do não preconceito às pessoas acometidas e a prevenção, explorando sempre o conteúdo do documentário.

Posteriormente, a (o) docente propõe a realização de uma dinâmica: “Negociação do uso da camisinha”, ressaltando a prevenção das IST. Logo após, a (a) docente solicita a divisão da turma em grupos para compartilhar, brevemente, os conteúdos discutidos também com outras turmas. Ao retornarem, a (o) docente pede que as (os) discentes mencionem as como foi compartilhar o conteúdo trabalhado com outros colegas e o que aprenderam nas aulas anteriores.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para responder aos objetivos da presente dissertação, os resultados foram apresentados no formato de um manuscrito, formatado seguindo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Portanto, na sequência, segue o manuscrito.

4.1 MANUSCRITO 1

EDUCAÇÃO SEXUAL E AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM ESCOLARES

Marcelo Silva Alves

Ricardo Franklin de Freitas Mussi

RESUMO

Objetivo: Analisar, na literatura científica, o conhecimento dos estudantes sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis e apresentar estratégias de ensino em educação sexual voltadas às Infecções Sexualmente Transmissíveis em escolas da Educação Básica. **Método:** trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada nas bases de dados PUBMED, SCIELO e LILACS no período de setembro a outubro de 2021. Através da estratégia PICO definiu-se a pergunta de investigação: Qual o conhecimento dos estudantes sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis e as ações de ensino referentes à educação sexual relacionada à prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis em escolares? Utilizou-se o fluxograma PRISMA para seleção dos estudos. **Resultados:** O escopo final foi composto por 13 estudos que foram analisados criticamente e estratificados em duas categorias para análise dos dados: conhecimento dos escolares das Infecções Sexualmente Transmissíveis; Intervenções em educação sexual e sua eficácia para o conhecimento das Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Conclusão:** Os estudantes adolescentes possuem um déficit de conhecimento sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis e as intervenções, apesar de terem utilizado várias abordagens metodológicas, tiveram aspectos similares, pois contribuíram para aquisição de conhecimentos do público em questão.

Palavras-chaves: Infecções Sexualmente Transmissíveis; Educação em Saúde; Educação Sexual; Estudantes.

INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) estão entre as causas mais comuns de doenças no mundo e podem ser consideradas um problema de saúde pública, com inúmeras consequências de natureza sanitária, social e econômica, além de graves sequelas como infertilidade, perda fetal, gravidez ectópica, cancro anogenital e morte prematura, bem como infecções em recém-nascidos e lactentes. (PINTO, *et al.*, 2018; DOMINGUES *et al.*, 2021).

Dados de prevalência de 2009 a 2016, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estimou um total de 376,4 milhões de casos incidentes de IST, considerados curáveis: 127,2 milhões de casos estimados de clamídia, 86,9 milhões de gonorreia, 156,0 milhões de tricomoníase e 6,3 milhões de sífilis (DOMINGUES *et al.*, 2021).

Salienta-se que os adolescentes estão entre os grupos mais suscetíveis a comportamentos de risco para aquisição de IST, tais como: início precoce da atividade sexual, a multiplicidade de parceiras (os), o uso ocasional de preservativo, o consumo de bebidas alcoólicas e drogas ilícitas, especialmente associados à ocorrência das IST (COSTA *et al.*, 2012).

A adolescência é uma fase de transição dinâmica entre infância e idade adulta, estabelecida pela Organização Mundial da Saúde como a faixa dos 10 aos 19 anos, e envolve uma série de modificações, tanto corpóreas quanto sociais (CORTEZ; SILVA, 2017). Por isso, pode representar um período crítico para muitos indivíduos devido ao rápido crescimento corporal, desenvolvimento dos caracteres sexuais, maturação cognitiva, social e emocional (CORTEZ; SILVA, 2017).

Os dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) (BRASIL, 2017) do ano de 2017 apontam o registro de 40.198 novos casos de hepatites e 119.800 casos de sífilis. Em 2018 (BRASIL, 2018), 35,1% das notificações de sífilis foram em adultos jovens; faixa etária mais afetada.

Segundo dados do SINAN, de 2007 a junho de 2019, o Brasil registrou 300.496 casos de infecção pelo HIV, sendo 746 (0,2%) na faixa etária entre 10 e 14 anos e 17.169 (5,7%) entre 15 e 19 anos (FERRO *et al.*, 2021).

Esses quadros epidemiológicos explicitam a demanda de estratégias de ensino, educação e comunicação para prevenção do adoecimento e promoção da saúde sexual entre adolescentes, pois o acesso a informações consistentes, tratadas

pedagogicamente, ampliará a possibilidade do desenvolvimento de uma vida sexual mais segura (QUEIROZ; ALMEIDA, 2018).

Tais informações direcionam à necessidade de estratégias que possam contribuir para que os adolescentes se mantenham informados e compreendidos acerca da Educação sexual com ênfase às IST, para que possam auxiliar no desenvolvimento e segurança e perceber que a vida sexual se inicia com aparo e informações consistentes (QUEIROZ; ALMEIDA, 2018).

Logo, a escola se torna um local privilegiado, pois é neste espaço que os adolescentes passam a maior parte de seu tempo, podendo ser utilizado pelo corpo docente em parceria com profissionais da saúde, na construção de estratégias que auxiliem a ampliação dos conhecimentos relacionados ao tema em questão e reconhecimento na manutenção da saúde sexual (VIEIRA *et al.*, 2021).

Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar, na literatura científica, o conhecimento dos estudantes sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis e apresentar estratégias de ensino em educação sexual voltadas às Infecções Sexualmente Transmissíveis em escolas da Educação Básica.

MÉTODOS

A presente investigação apresenta a abordagem qualitativa (MUSSI *et al.*, 2019) e trata-se de uma revisão integrativa (GANONG, 1987).

Para a construção da pergunta de investigação foram utilizadas as orientações e recomendações do PICO, sendo um acrônimo pra P (Paciente), I (intervenção), C (comparação) e O (*outcomes*/desfecho) (SANTOS; PIMENTA; NOBRE, 2007). P- Estudantes da educação básica; I- Revisão de literatura; C- Não se aplica; O- Intervenções realizadas sobre a Educação Sexual em Infecções Sexualmente Transmissíveis e conhecimento dos estudantes. Chegou-se seguinte pergunta de investigação: De acordo com a literatura científica, qual o conhecimento dos estudantes sobre as IST e as ações de ensino referentes a educação sexual relacionada à prevenção de IST em escolares?

Passando a identificação dos descritores capazes de viabilizar o rastreamento das fontes, a temática/pergunta foi incluída no *google* acadêmico e os 30 primeiros resultados foram consultados e as ocorrências mais recorrentes de descritores, admitidas para verificação da pertinência no Descritores em Ciências da Saúde

(DECS, 2021). Aqueles presentes e seus similares foram aceitos para a composição da rotina de busca distribuídos em dois eixos, um relativo às Infecções Sexualmente Transmissíveis e outro centrado na Educação em Sexual, considerando suas representações na língua portuguesa, inglesa e espanhola.

Com a incorporação dos operadores *booleanos* *OR*, para interação entre os similares, e *AND*, para verificação da associação entre os eixos, a rotina ficou da seguinte maneira: Doenças Sexualmente Transmissíveis OR Enfermedades Sexualmente Transmisibles OR Sexually Transmitted Diseases OR Infecções Sexualmente Transmissíveis OR Enfermedades de Transmisión Sexual AND Educação em Saúde OR Health Education OR Educación en Salud AND Educação Sexual OR Sex Education OR Educación Sexual.

Então, partiu-se para a busca de estudos, no período de setembro a outubro de 2021 a partir de três bases de dados eletrônicas: *National Library of Medicine National Institutes of Health (PubMed)*, *Scientific Eletronic Library Online (SciElo)*, *Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS)*.

Para garantia de ampla cobertura, não foi estabelecido recorte temporal. Adotou-se os seguintes critérios de inclusão: estudos com dados primários que abordassem o tema proposto e fizessem referência à pergunta de investigação, disponibilizados integralmente e de acesso livre nas bases virtuais. As produções que apresentaram duplicidade foram excluídas, portanto, sendo consideradas apenas uma vez.

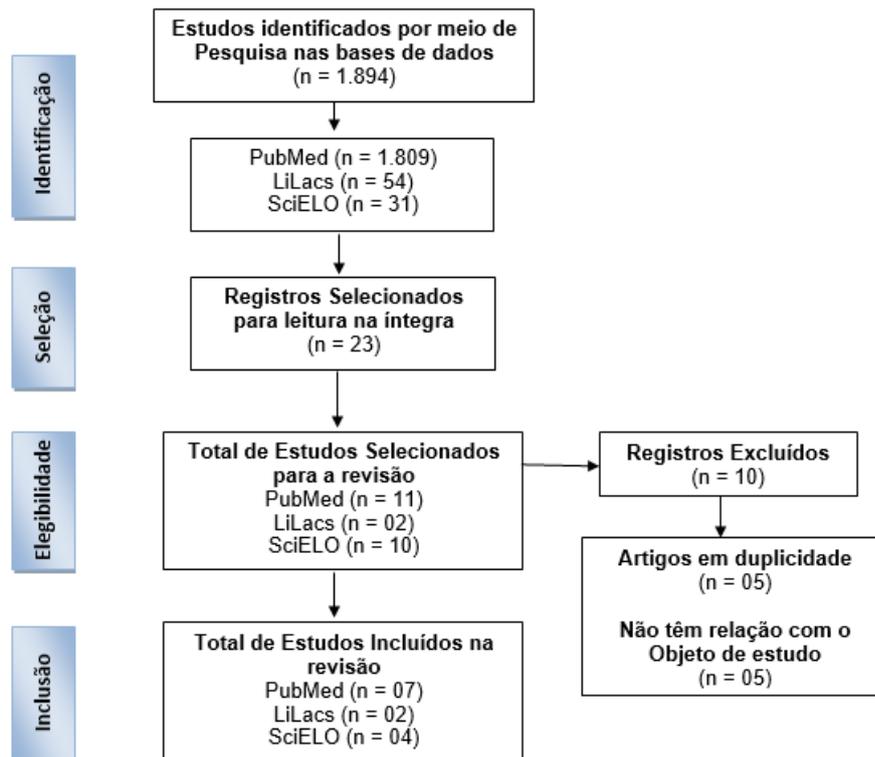
Na etapa de seleção de fontes, foi realizada a leitura de título-resumo para determinação daquelas publicações que passariam pela leitura do texto integral. Para avaliar o nível de evidência científica adotou-se a classificação proposta por Melnyk e Fineout-Overholt (2005).

RESULTADOS

A busca resultou em um total de 1.894 publicações, distribuídas da seguinte maneira: 95,5% no Pubmed, 2,8% na Lilacs e 1,7% no Scielo. Após leitura criteriosa dos títulos e resumo de todos os textos, 1871 foram excluídos por não apresentarem conformidade com a questão dessa revisão. Dos 23 encaminhados para a leitura integral, cinco não tratavam da temática de interesse e cinco apresentaram duplicidade, sendo excluídos. Assim, restaram treze produções que atenderam aos pressupostos metodológicos delineados para esse estudo.

Para apresentação dos estudos incluídos nesta revisão foi utilizado o fluxograma proposto pelo PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses) conforme figura 01.

Figura 01 - Fluxograma da Revisão integrativa – Conhecimento dos estudantes sobre IST e intervenções em educação sexual e sua eficácia para o conhecimento das IST.



Fonte: Os Autores

Para a identificação das informações de análise da amostra final foram utilizados dois quadros sintéticos constando: autoria, ano de publicação, periódico, país, delineamento do estudo, achados pertinentes e nível de evidência científica. Formam propostas duas categorias de discussão, como indicado nos quadros 01 e 02.

No Quadro 01 constam as publicações da categoria um: Conhecimento dos escolares das Infecções Sexualmente Transmissíveis. No quadro 02 constam as publicações inclusas para a categoria dois: Intervenções em educação sexual e sua eficácia para o conhecimento das Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Quadro 01 - Caracterização dos estudos incluídos na revisão integrativa categoria 01– Conhecimento dos escolares das Infecções Sexualmente Transmissíveis.

País, Ano/ Autor/ Periódico	Delineamento	Achados Pertinentes	Evidência Científica
Brasil, 2017 ALMEIDA, <i>et al.</i> Revista Brasileira de Enfermagem	Coleta em 2015 22 adolescentes 16-19 anos Coleta por entrevista individual Qualitativo descritivo	Os participantes não conseguiram reconhecer sintomas que as IST provocam e as formas de transmissão da AIDS.	Nível VI
Itália, 2016 DRAGO, <i>et al.</i> Rev. Inter. de pesquisa ambiental e saúde pública	Coleta entre abril de 2013 a junho de 2014 2.867 adolescentes média de 17 anos Coleta por questionário individual Quantitativo descritivo	Início da vida sexual por volta dos 15 anos; alguns dos estudantes: já usaram drogas; não conheciam algumas IST; acreditavam que só homossexuais e prostitutas poderia transmitir IST e não compartilhariam espaços com pessoas com HIV; apenas 0,5% dos adolescentes reconheceram as IST; confusos sobre o significado de contracepção e prevenção; apenas 22% sabiam que preservativos e abstinência são os únicos métodos de prevenção de IST;	Nível VI
Índia, 2008 MCMANUS, DHAR (PERIÓDICO)	Coleta em 2007 251 escolares 14-19 anos Coleta por questionário individual Transversal quantitativo	Cerca de 30% dos entrevistados consideraram que o HIV / AIDS poderia ser curado, 41% estavam confusos sobre se a pílula anticoncepcional poderia proteger contra a infecção pelo HIV; não reconheciam alguns métodos proteção das IST, buscavam outras para informar-se sobre IST, vergonha de procurar serviço de saúde.	Nível VI

<p>Marrocos, 2019</p> <p>EL KAZDOUH, <i>et al.</i></p> <p>Reproductive Health</p>	<p>Coleta maio-junho 2016</p> <p>56 adolescentes 14-16 anos</p> <p>Coleta por grupos focais com gravação</p> <p>Qualitativo Observacional</p>	<p>Os estudantes tinham limitação no conhecimento dos meios de transmissão, métodos de prevenção das as IST e HIV; buscavam outras para informar-se sobre IST, vergonha de procurar serviço de saúde.</p>	<p>Nível VI</p>
<p>Brasil, 2007.</p> <p>TORRES; BESERRA; BARROSO</p> <p>Esc Anna Nery Rev. Enferm.</p>	<p>Qualitativo com grupo focal.</p>	<p>Os estudantes buscavam outras para informar-se sobre IST, vergonha de procurar serviço de saúde, meninas mais propensas em submeter-se a uma relação sem proteção, adolescentes reproduziram a condição atual de submissão feminina aos desejos masculinos.</p>	<p>Nível VI</p>
<p>Brasil, 2017</p> <p>GENZ, <i>et al.</i></p> <p>Texto contexto – enferm</p>	<p>532 adolescentes 10-19 anos</p> <p>Coleta por questionário individual</p> <p>Descritivo, observacional, de caráter quantitativo</p>	<p>Início da vida sexual entre 14 e 16 anos. Alguns participantes não sabiam as formas de transmissão das IST e acreditavam que a pílula anticoncepcional poderia preveni-las.</p>	<p>Nível VI</p>
<p>Brasil, 2013.</p> <p>COSTA, <i>et al.</i></p> <p>Revista Gaúcha de Enfermagem</p>	<p>Coleta em 2012</p> <p>295 adolescentes</p> <p>Coleta por questionário individual</p> <p>Estudo transversal, quantitativo</p>	<p>Início da vida sexual entre 10 e 17 anos, A maioria dos adolescentes participantes apresentou conhecimento coerente sobre práticas sexuais e comportamentos de risco, que os tornam vulneráveis às IST e ao HIV, apresentando aspecto positivo para a prevenção destas infecções.</p>	<p>Nível VI</p>

Quadro 02 - Caracterização dos estudos incluídos na revisão integrativa, categoria 02 dois – Intervenções em educação sexual e sua eficácia para o conhecimento das Infecções Sexualmente Transmissíveis.

País, Ano/ Autor/ Periódico	Delineamento	Achados Pertinentes	Evidência Científica
<p>República Tcheca, 2021</p> <p>MACOUNOVÁ, <i>et al.</i></p> <p>INTERNATIONAL JOURNAL OF ENVIRONMENTAL RESEARCH AND PUBLIC HEALTH</p>	<p>Coleta 2018-2019</p> <p>1.210 adolescentes 13-19 anos</p> <p>Coleta por questionário pré e pós intervenção</p> <p>palestras, jogos interativos</p> <p>Quantitativo descritivo</p>	<p>Utilizaram-se palestras, Jogos, manequins. Devido ao aumento observado no conhecimento, especialmente entre os participantes mais jovens (13–14 anos) recomenda-se direcionar outras intervenções nos grupos de idade mais jovem.</p>	<p>Nível VI</p>
<p>2015</p> <p>BORAWSKI, <i>et al.</i></p> <p>THE JOURNAL OF SCHOOL HEALTH</p>	<p>Coleta 2000-2002</p> <p>1.357 adolescentes</p> <p>Intervenção randomizada</p>	<p>Utilizou-se oficinas pedagógicas e outros materiais os grupos relataram melhorias significativas no conhecimento sobre HIV/DST/ preservativo imediatamente após a intervenção. No entanto, aqueles ensinados por enfermeiras escolares relataram mudanças significativas e sustentadas (até 12 meses após a intervenção).</p>	<p>Nível VI</p>
<p>Espanha, 2005.</p> <p>PÉREZ, <i>et al.</i></p> <p>Rev Esp Salud Pública</p>	<p>Aplicação 2003-2004</p> <p>238 adolescentes a média de idade foi de 15,59 anos</p> <p>Questionário pré e pós intervenção</p>	<p>Oficinas em grupos. Após a intervenção, notou-se melhora no grau de conhecimento relacionado aos métodos anticoncepcionais e transmissão do HIV/AIDS.</p>	<p>Nível VI</p>
<p>Peru, 2005</p> <p>VELASQUEZ</p> <p>An. Fac. med</p>	<p>Aplicação 2005</p> <p>Utilização de recuso multimídia interativo</p> <p>454 adolescentes 14-17 anos</p>	<p>Início da vida sexual entre 13 e 15 anos, buscavam outras para informar-se sobre IST, vergonha de procurar serviço de saúde. Utilizou-se CD multimídia interativo para abordar IST. A estratégia útil na aprendizagem da prevenção</p>	<p>Nível VI</p>

	Aplicação de questionário individual pré e pós intervenção	de IST e HIV/AIDS. Os resultados deste estudo mostraram que o recurso educacional melhorou o conhecimento dos adolescentes sobre a temática.	
Equador, 2001. BARROS <i>et al.</i> Rev Panam Salud Publica	Aplicação 1997-1998 358 Adolescentes 12-15 anos no grupo intervenção Estudo antes e depois de uma intervenção educacional Transversal Descritivo	Início da Vida sexual entre 13 e 14 anos. Utilizou-se oficinas com jogos, fichas Verificou-se aumento do conhecimento sobre IST/AIDS no de intervenção, embora a modificação de comportamento a longo prazo ainda não foi avaliada.	Nível VI
Nigéria, 2008. ESERE African Health Sciences	24 adolescentes 13-19 anos Estudo antes e depois de uma intervenção educacional	Pequenos grupos e jogos, dramatização para desenvolvimento de competências de escolha, folhetos Os resultados revelam que houve uma diferença significativa referente aos comportamentos sexuais de risco entre os adolescentes que participaram do programa.	Nível VI

DISCUSSÃO

CATEGORIA 1 - CONHECIMENTO DOS ESCOLARES DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Os achados da presente investigação apontam o início das atividades sexuais variando entre os 10 e 17 anos (DRAGO *et al.*, 2016; COSTA *et al.*, 2013; GENZ *et al.*, 2017; VELÁSQUEZ *et al.*, 2005; BARROS, *et al.*, 2001). Nesse sentido, nos preocupa a indicação de que os adolescentes e jovens iniciem sua atividade sexual cada vez mais precocemente (FERREIRA, TORRAL, 2011; SOARES *et al.*, 2015; DOMINGUES *et al.*, 2014), além de nem sempre adotarem o preservativo como método preventivo quando iniciam.

Esse início precoce, na maioria das vezes, não vem articulado com conhecimento que subsidie uma preparação em educação sexual (SPINOLA, 2020), bem como informações sobre as diversas infecções que podem se adquirir por via sexual e como estas podem ser prevenidas (SOARES *et al.*, 2015).

O conhecimento acerca das IST precisa ser difundido para todos, até mesmo às pessoas que ainda não iniciaram a vida sexual no estudo de Almeida *et al.* (2017), alguns dos participantes ainda não tinham iniciado as relações sexuais demonstram não conhecer possíveis sintomas provocados pelas IST as formas de transmissão da AIDS, que é IST mais conhecida, entretanto, demonstraram insuficiência de informações que caracterizam a infecção e o agente causador. (ALMEIDA *et al.*, 2017).

Esses dados corroboram com o estudo (DRAGO *et al.*, 2016) no qual foi detectado que a maioria dos participantes não reconheciam as infecções por HIV, sífilis, hepatite A, hepatite B, hepatite C, infecção por herpes simples, candidíase e verrugas genitais como sexualmente transmissíveis, ou as consequências das infecções por herpes genital, sífilis (MCMANUS; DHAR, 2008). Isso conduz à falsa informação de que todas as IST, inclusive o HIV/AIDS, são curáveis. (MCMANUS; DHAR, 2008).

Acerca dos meios que possivelmente pode transmitir as IST, a pesquisa de Genz *et al.* (2017) demonstrou que alguns participantes acreditavam que essas infecções seriam transmitidas pelo contato de mãos, beijos, abraços e compartilhamento de objetos. Além disso, entendiam que contraceptivos orais poderiam ser usados também como método preventivo para IST (GENZ, *et al.*, 2017; DRAGO *et al.*, 2016); não tinham certeza se a pílula anticoncepcional preveniria da infecção por HIV (MCMANUS; DHAR 2008).

A limitação dos conhecimentos sobre as IST perpetua a ideia de que estas só seriam transmitidas por relações sexuais sem proteção e quando realizadas com prostitutas ou homossexuais (DRAGO *et al.*, 2016), relações sexuais antes do casamento (EL KAZDOUH *et al.*, 2019) e também o desconhecimento de que o preservativo é um método que protege contra essas infecções (EL KAZDOUH *et al.*; MCMANUS; DHAR, 2008). Essas questões justificam a resistência em compartilhar espaços com pessoas HIV positivo (DRAGO *et al.*, 2016).

Esse estigma social que ainda permeia as pessoas infectadas pelo HIV demonstra limitação de conhecimento acerca das formas de contágio, bem como o

tratamento, o que suscita, nos infectados, uma aversão à exposição, porém, no momento que a pessoa que vive com HIV admite seu diagnóstico por fatores individuais, sociais e familiares, há a possibilidade desta ser resiliente e persistente apesar, do preconceito (ARAÚJO, 2019).

Outro ponto a ser considerado é a relação do uso das drogas com as IST, conforme aponta o estudo (DRAGO *et al.*, 2016) no qual os participantes informaram já terem usado algum tipo de drogas como maconha, LSD, ecstasy e cocaína. As pessoas que fazem uso de drogas podem ser as mais resistentes à sugestão de proteção sexual, pois criam situações que dificultam a adoção de medidas protetivas para diminuir a incidência de HIV e de IST (LEIGH, 2002; RUZANY, 2003), considerando que o uso dessas substâncias reduz o limite de percepção de riscos e, logo, da exigência de adotar a proteção individual (RUZANY, 2003).

Diante dos inúmeros meios de comunicação, muitas vezes o público adolescente acaba buscando informações nos círculos sociais, como amigos, internet e televisão em decorrência da vergonha dos possíveis julgamentos, assim não procuram os serviços de saúde para orientações pertinentes sobre condutas saudáveis às relações sexuais (TORRES; BESERRA; TEIXEIRA, 2007; EL KAZDOUH *et al.*, 2019; VELÁSQUEZ *et al.*, 2005; MCMANUS; DHAR, 2008; NELSON *et al.*, 2016; ROSA *et al.*, 2020).

Cabe salientar que nem sempre essas fontes estão devidamente preparadas para transmitir adequadamente as informações no que se refere à prevenção das IST, ou seja, a escola, de fato, é um local pertinente para transmiti-las, uma vez que os adolescentes passam um período considerável de tempo neste ambiente (GENZ *et al.*, 2017; NELSON *et al.*, 2016; MACHADO *et al.* 2021).

Outro aspecto relevante é que, muitas vezes, os temas relacionados à educação sexual tendem a ser omitidos em âmbito familiar principalmente para as mulheres, ou seja, uma repetição social que coloca os homens como vigorosos sexualmente e as mulheres delicadas, passivas e sensíveis (TORRES; BESERRA; TEIXEIRA, 2007).

Isso indica também que as mulheres são mais propensas em se submeter a relações sexuais sem negociação do uso de preservativo afim de agradar o companheiro e não causar desconfiança, conduta esta que direciona à vulnerabilidade às IST (TORRES; BESERRA; TEIXEIRA, 2007).

CATEGORIA 2 – INTERVENÇÕES EM EDUCAÇÃO SEXUAL E SUA EFICÁCIA PARA O CONHECIMENTO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

De maneira geral, os estudos utilizaram diversos tipos de intervenções com adolescentes a partir da avaliação destas a curto e médio prazo, em relação à aquisição de conhecimentos antes e após a intervenção. Os profissionais envolvidos nas atividades com os estudantes foram, em sua maioria, professores, mas o estudo (BORAWSKI *et al.*, 2015) utilizou, além dos professores, enfermeiros escolares.

O estudo realizado na República Tcheca (MACOUNOVÁ *et al.*, 2021) utilizou ferramentas pedagógicas como palestra educativa com conteúdo voltado HIV/AIDS e IST e um jogo composto por 8 tarefas com vários instrumentos educativos (quadro magnético, cartões magnéticos, amostras de métodos contraceptivos, manequins de pênis para treino de manuseio do preservativo (MACOUNOVÁ *et al.*, 2021). A estratégia adotada demonstrou que, em relação ao conceito do HIV 48,7% dos alunos indicaram corretamente, esse percentual aumentou para 84,7% após a conclusão do curso, além disso, 80,0% entendiam que o preservativo é um método relevante para proteção contra a infecção pelo HIV e, após a atividade educativa, 94,6%. Ao serem questionados acerca da existência da cura do HIV, antes da atividade 72,2% responderam corretamente e após a atividade esse percentual passou para 92,5% (MACOUNOVÁ *et al.*, 2021).

Cabe salientar que o programa se demonstrou mais efetivo nos participantes com faixa etária de 13 a 14 anos e, pelo fato de ter sido realizado pontualmente, não houve um monitoramento adicional para avaliar persistência dos resultados e os possíveis efeitos relacionados aos comportamentos de risco a longo prazo (MACOUNOVÁ *et al.*, 2021).

O modelo educacional baseado em oficinas pedagógicas com quatro módulos para abordar a educação sexual com foco nas IST e HIV/AIDS, no qual as atividades contaram com materiais interativos como fichas, jogos didáticos e outros materiais de apoio, proporcionou um aumento nos conhecimentos em relação às formas de prevenção às IST e HIV/AIDS. Um dado relevante neste estudo é que, mesmo após 8 meses da intervenção, muitos dos participantes indicaram que não dividiriam o mesmo espaço da sala com outro estudante, caso ele fosse HIV positivo (BARROS, *et al.*, 2001).

No estudo de Velásquez *et al.* (2005) realizado no Peru, a estratégia pedagógica em multimídia (CD) interativa informa e educa de forma lúdica através de seis histórias em vídeos abordando as Infecções Sexualmente Transmissíveis e do vírus HIV/AIDS, ratificando no tocante no que diz respeito aos quais os adolescentes estão expostos. O impacto das ações foi avaliado a partir de questionários antes e um mês após as atividades. Anteriormente ao CD educativo, 30% dos entrevistados reconheciam IST e após o uso do CD esse percentual aumentou para 49%, ou seja, 3,5 vezes mais chances de reconhecer uma IST em seu parceiro (a) (VELÁSQUEZ *et al.*, 2005). O aumento significativo em reconhecer as IST: gonorreia aumentou 26%, sífilis aumentou 24%, clamídia o aumento foi de 22%, para herpes genital 21% a mais e cancro mole aumentou 13%. Adolescentes que conheciam o HIV aumentou 15% e AIDS aumentou 17% (VELÁSQUEZ *et al.*, 2005).

Diante desses dados, notou-se uma mudança nos conhecimentos quanto às infecções sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS, pois foi uma forma interativa de trabalhar com uma temática que é permeada tabus.

No estudo realizado na Espanha por Pérez *et al.* (2005), a intervenção baseou-se na organização de oficinas de saúde, nas quais os estudantes elaboraram mensagens publicitárias e foram acompanhados por docentes da escola. Antes da intervenção, 24,03% dos participantes tinham ou já tiveram um relacionamento sexual com penetração, destes, 98,24% afirmaram ter usado o preservativo (PÉREZ *et al.*, 2005), 95,72% dos participantes do estudo sabiam que o uso nas relações sexuais protegia da infecção do HIV e IST. Um dado relevante encontrado no estudo é que apenas 71% dos/as participantes afirmaram que compartilhariam uma aula com um paciente com AIDS (PÉREZ *et al.*, 2005).

Após 6 meses da atividade de intervenção, notou-se uma melhora no conhecimento da capacidade preventiva do preservativo contra HIV/AIDS e IST de 95,76% para 99,49%, e o uso correto do método passou de 62,13% para 73,46%. Os que compartilhariam a classe com um aluno com AIDS passou para 77,6% (PÉREZ *et al.*, 2005).

De acordo com os autores, a estratégia poderia ter maior impacto se utilizada em adolescentes com faixa etária mais precoces, quando ainda não tiveram contato sexual. Outro fator relevante é que, mesmo após a intervenção, prevaleceu a resistência em compartilhar a sala de aula com outro discente com AIDS o que indica

que a temática relacionada ao preconceito às pessoas infectadas por HIV precisa ser levantada e debatida.

O estudo (BORAWSKI *et al.*, 2015) analisou os impactos de currículos voltados a questões de conhecimento e prevenção das infecções sexualmente transmissíveis composto por 06 módulos, constando uma série de possibilidades de ensino, como discussões em grupo, histórias retratadas em vídeos, exercícios interativos, dramatizações e envolveu docentes de educação em saúde e enfermeiros escolares. Foram aplicados com alunos pós-testes imediatos, quatro meses e doze meses.

Os dados demonstraram que os docentes da educação e saúde possuíam mais habilidades no repasse de conhecimentos, entretanto, os Enfermeiros foram considerados mais hábeis na transmissão de informações relativas à redução de comportamentos sexuais de risco, autoeficácia e crenças relacionadas ao preservativo (BORAWSKI *et al.*, 2015). Os autores salientam que isso se deve ao fato dos Enfermeiros terem vivência considerável em dialogar com as pessoas sobre temas que podem causar certo constrangimento. (BORAWSKI *et al.*, 2015).

As estratégias relatadas numa Revisão Sistemática da literatura de educação em saúde foram utilizadas no estudo de Esere (2008), no qual envolveu a participação do grupo submetido à intervenção com dramatizações e trabalhos em grupos, demonstrou resultados significativos em relação a comportamentos de risco, como a multiplicidade de parceiros sexuais.

CONCLUSÃO

Os resultados desta revisão integrativa apontaram, de maneira geral, que os estudantes adolescentes possuem um déficit de conhecimento no que tange às Infecções Sexualmente Transmissíveis, conforme discorrido na categoria um. Isso indica a necessidade de que os meios aos quais buscam informações sobre o assunto seja embaso em conhecimento científico, ou seja, a escola é um dos locais mais apropriados para essa disseminação.

Na categoria dois foi observado que as intervenções apesar de terem utilizado várias abordagens metodológicas e realizadas em diversos países com costumes e populações distintas tiveram aspectos similares, pois contribuíram para aquisição de conhecimentos mesmo que, em sua maioria, foram pontuais.

Portanto, os espaços para debates envolvendo a temática desta pesquisa, que são essenciais no caminho formativo dos estudantes, sejam ofertados de forma contínua. Além disso, a partir desse espaço múltiplo e diverso é que surgem interações com profissionais da saúde, sendo também contributivas para a construção do conhecimento e a expansão do pensamento crítico.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rebeca Aranha Arrais Santos *et al.* Knowledge of adolescents regarding sexually transmitted infections and pregnancy. **Revista Brasileira de Enfermagem [on line]**. 2017, v. 70, n. 5, pp. 1033-1039. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0531>. ISSN 1984-0446. Acesso em set 2021.
- ARAÚJO, Ludgleyson Fernandes de *et al.* Análise da Resiliência entre Pessoas que Vivem com HIV/AIDS: Um Estudo Psicossocial. **Psicologia: Teoria e Pesquisa [on line]**. 2019, v. 35 e35416. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35416>. Acesso em set 2021.
- BARROS, Teodoro *et al.* Um modelo para a prevenção primária de doenças sexualmente transmissíveis e HIV / AIDS em adolescentes. **Rev Panam Salud Publica/Pan Am J Public Health**. 10(2), 2001. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/rpsp/2001.v10n2/86-94/es>. Acesso em set 2021.
- BORAWSKI, Elaine A *et al.* "Effectiveness of health education teachers and school nurses teaching sexually transmitted infections/human immunodeficiency virus prevention knowledge and skills in high school." **The Journal of school health** vol. 85, 3 (2015): 189-96. Doi:10.1111/josh.12234. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25611941/>. Acesso em set 2021.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Divisão Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS**: Boletim Epidemiológico HIV/AIDS, 2017.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Secretaria de Vigilância em Saúde**: Sífilis 2018. Boletim Epidemiológico Sífilis, 2018. v. 48, n.36, n. 2358–9450, p. 41.
- CORTEZ, Elaine Antunes; SILVA Lauanna Malafai da. Pesquisa-ação: promovendo educação em saúde com adolescentes sobre infecção sexualmente transmissível. **Rev enferm UFPE [on line]**. 2017;11(9):3642-9. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/234495/27699> Acesso em set 2021.
- COSTA, Ana Cristina Pereira de Jesus *et al.* Vulnerabilidade de adolescentes escolares às DST/HIV, em Imperatriz - Maranhão. **Revista Gaúcha de Enfermagem [on line]**. 2013, v. 34, n. 3, pp. 179-186. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472013000300023>. Acesso em out 2021.

COSTA, Danyella Augusto Rosendo da Silva, *et al.* Educação em saúde sobre doenças sexualmente transmissíveis com adolescentes: um relato. **Rev enferm UFPE [on line]**. Sept, 2012. 6(9): 2312-7. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/7341/6824>. Acesso em set 2021.

DECS, Descritores em Ciências da Saúde. **Ed. rev. e ampl.** São Paulo: BIREME / OPAS / OMS, 2021. Disponível em: <http://decs.bvsalud.org>. Acesso em out 2021.

DOMINGUES, Carmen Silvia Bruniera *et al.* Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: vigilância epidemiológica. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**. 2021, v. 30, n. spe1, e2020549. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-4974202100002.esp1>. Acesso em abr 2022.

DOMINGUES, Sara *et al.* Comportamentos de risco dos adolescentes portugueses e influência do meio ambiente. **Nascer e Crescer**. 2014; 23(3):124- 33. Disponível em: https://repositorio.chporto.pt/bitstream/10400.16/1763/1/03_ArtigoOriginal-1_23-3.pdf. Acesso em set 2021.

DRAGO, Francesco *et al.* "A Survey of Current Knowledge on Sexually Transmitted Diseases and Sexual Behavior in Italian Adolescents." **Int J Environ Res Public Health**. vol. 13,4 422. 13 de abril de 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27089354/>. Acesso em out 2021.

EL KAZDOUH, Hicham *et al.* "Perceptions and intervention preferences of Moroccan adolescents, parents, and teachers regarding risks and protective factors for risky sexual behaviors leading to sexually transmitted infections in adolescents: qualitative findings." **Reproductive health** vol. 16,1 138. 10 Sep. 2019. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6734522/pdf/12978_2019_Article_801.pdf. Acesso em set 2021.

ESERE, Mary Ogechi. Effect of sex education programme on at-risk sexual behaviour of school-going adolescents in Ilorin, Nigeria. **African Health Sciences**. 2008. Vol. 8, nº 2, p. 120-125. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2584331/>. Acesso em out 2021.

FERREIRA, Maria Margarida da Silva Reis dos Santos; TORRAL, Maria Constança Leite de Freitas Paúl Reis. Estilos de vida na adolescência: comportamento sexual dos adolescentes portugueses. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. 2011, v. 45, n. 3, pp. 589-595. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342011000300006>. Acesso em maio 2022.

FERRO, Laura Dourado *et al.* Incidência de infecção pelo HIV e mortalidade por AIDS em adolescentes no Brasil. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.3, p. 9779-9786 may./jun. 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/download/29269/23088>. Acesso em maio 2022.

GANONG, Lawrence H. Integrative reviews of nursing research. **Research in nursing & health** vol. 10,1 (1987): 1-11. Doi:10.1002/nur.4770100103. Acesso em out 2021.

GENZ, Niviane *et al.* Sexually transmitted diseases: knowledge and sexual behavior of adolescents. **Texto & Contexto - Enfermagem**. 2017, v. 26, n. 02. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072017005100015>. Acesso em out 2021.

LEIGH, Bárbara C. Alcohol and condom use: a meta-analysis of event-level studies. **Sex Transm Dis**. 2002; 29(8):476-482. Disponível em: https://journals.lww.com/stdjournal/Fulltext/2002/08000/Alcohol_and_Condom_Use_A_Meta_Analysis_of.8.aspx. Acesso em mar 2022.

MACHADO, Beatriz Jorge Macedo de *et al.* Educação sexual e infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes do ensino médio em Goiânia – Goiás. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.11, p. 101765-101781 nov. 2021. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/download/38901/pdf>. Acesso em abril 2022.

MACOUNOVÁ, Petra *et al.* “Education of Adolescents in the Prevention of HIV/AIDS in the Czech Republic.” **International journal of environmental research and public health**, vol. 18, 11 6148. 7 Jun. 2021. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8201296/>. Acesso em set 2021.

MCMANUS, Alexandra; DHAR, Lipi. “Study of knowledge, perception and attitude of adolescent girls towards STIs/HIV, safer sex and sex education: (a cross sectional survey of urban adolescent school girls in South De>lhi, India).” **BMC women's health**, vol. 8 12. 23 Jul. 2008, doi:10.1186/1472-6874-8-12. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18647417/>. Acesso em out 2021.

MELNYK, Bernadette Mazurek; FINEOUT-OVERHOLT Ellen. **Making the case for evidence-based practice**. In: Melnyk, Bernadette Mazurek; Fineout-Overholt Ellen. Evidence-based practice in nursing & healthcare. A guide to best practice. Philadelphia: Lippincot Williams & Wilkins; 2005. p.3-24.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas *et al.* Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista Sustinere**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 414 - 430, jan. 2019. ISSN 2359-0424. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/41193>. Acesso em set 2021.

NELSON, Ana Raquel Cortês *et al.* Conhecimento de estudantes adolescentes sobre transmissão, prevenção e comportamentos de risco em relação às DST/HIV/AIDS. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental [S. l.]**, v. 8, n. 4, p. 5054–5061, 2016.. Disponível em: <http://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/3634>. Acesso em mar 2022.

PÉREZ, Sonsoles Callejas *et al.* Intervenção educacional para prevenção de gravidez não desejada e de doenças sexualmente transmissíveis em adolescentes na cidade de Toledo. **Rev Esp Salud Pública**. 2005, Vol. 79, N.º 5. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/resp/2005.v79n5/581-589/es>>. Acesso em out 2021.

PINTO, Valdir Monteiro *et al.* Fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis: inquérito populacional no município de São Paulo, **Ciênc. saúde colet**. 23 (7). Jul. 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/wwgnzLKCKqD4pbtCJ4B76td/?lang=pt>. Acesso em mar 2022.

QUEIROZ, Vanessa dos Reis; ALMEIDA, Janie Maria de. Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, [S. l.], v. 19, n. 4, p. 209–214, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/31788>. Acesso em fev 2022.

ROSA, Laura Melo *et al.* Promoção da saúde na escola: prevenção da gravidez e de infecções sexualmente transmissíveis. **Brazilian Journal of Health Review**. v. 3, n. 1, p. 706-716, 2020. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/download/6580/5793>. Acesso em set 2021.

RUZANY, Maria Helena *et al.* A violência nas relações afetivas dificulta a prevenção de DST/AIDS?. **J. Pediatr.** (Rio J.), Porto Alegre, v. 79, n. 4, p. 349-354, Aug. 2003. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572003000400014&lng=en&nrm=iso. Acesso em abr 2022.

SANTOS, Cristina Mamédio da Costa; PIMENTA, Cibele Andrucioli de Mattos; NOBRE, Moacyr Roberto Cuce. A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. **Rev Latino-Am Enfermagem**. 2007;15 (3):508-11. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692007000300023>. Acesso em set 2021.

SOARES, Leonardo Ribeiro *et al.* Avaliação do comportamento sexual entre jovens e adolescentes de escolas públicas. **Adolesc. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 76-84, 2015. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/abr-503>. Acesso em mar 2022.

SPINOLA, Mara Cristiany Rodrigues. Fatores associados à iniciação sexual precoce de adolescentes em santarém, Pará. **SANARE - Revista de Políticas Públicas**, [S. l.], v. 19, n. 1, 2020. DOI: 10.36925/sanare.v19i1.1385. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1385>. Acesso em ago 2021.

TORRES, Cibele Almeida; BESERRA, Eveline Pinheiro; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: percepções sobre a sexualidade dos adolescentes. **Escola Anna Nery Ver. Enfer.** 2007, v. 11, n. 2, pp. 296-302. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-81452007000200017>>. Acesso em out 2021.

VELÁSQUEZ, Aníbal. Efeito de um CD multimídia (planeta de risco Xero) sobre o conhecimento, atitudes e práticas sobre doenças sexualmente transmissíveis e HIV / AIDS de adolescentes de escolas da região metropolitana de Lima. **An. Fac. med.** Lima, v. 66, n. 3, p. 232-240, set. 2005. Disponível em: http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1025-55832005000300007&lng=es&nrm=iso. Acesso em set 2021.

VIEIRA, Kléber José *et al.* Conhecimentos de adolescentes sobre métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis. **Rev baiana enferm.**

2021; 35: e39015. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/39015/24152>. Acesso em mai 2022.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da literatura utilizada no percurso para construção desta dissertação, percebe-se que a educação que a escola precisa estar mais aberta no sentido de proporcionar uma comunicação mais efetiva com os estudantes acerca da educação sexual e prevenção das IST, salienta-se que esse diálogo também precisa fazer parte de outros ambientes nos quais os estudantes estão inseridos, como a família.

Os adolescentes, devido às ansiedades, incertezas, mudanças que ocorrem na adolescência e, pelo fato de muitas vezes, não terem acesso a conteúdos com respaldo científico referente à educação sexual em IST, o que causa uma deficiência no que concerne ao conhecimento das infecções propagadas também pela via sexual e ficam suscetíveis a comportamentos que podem direcionar a possíveis vulnerabilidades para estas infecções.

As intervenções em educação e saúde com ênfase nas IST são ferramentas que possibilitam aos estudantes o acesso a discussões, o que contribui na aquisição de conhecimentos e, muitas vezes, mudança nos comportamentos, entretanto, essas ações precisam fazer parte do ambiente escolar de forma cotidiana, não apenas pontualmente, já que, como dito anteriormente, os adolescentes são bombardeados de informações e muitas destas não são de fontes confiáveis.

Os mitos e tabus frente ao debate sobre a saúde sexual nas diversas modalidades de ensino são evidentes, por isso a proposta de criar uma sequência didática com intuito de trazer mais um instrumento acessível que contribua com a prática docente para abordagem da temática.

É interessante apontar que a escola precisa, também, interagir com os serviços de saúde para alinhamento de propostas que possam impactar positivamente na manutenção da saúde sexual dos discente, reduzindo, assim, a distância entre essas instituições, fortalecendo o vínculo que é tão essencial.

Enfim, as discussões na escola com a temática Educação Sexual contribuem para a consolidação da personalidade de todos os alunos, uma vez que resgata ainda as questões relacionadas à sexualidade humana. Nesse sentido, é preciso que, tanto os alunos, como os docentes, tenham a possibilidade de viver livremente sua sexualidade, de forma responsável, pois esta também é uma característica que compõe a identidade pessoal.

Portanto, esta pesquisa não é conclusiva, mas possibilita a abertura de caminhos para novos questionamentos que culminarão em outros estudos, permitindo, assim, a continuidade dessa discussão/temática.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Angelo Antonio; MARTINS, Lígia Márcia. A produção do conhecimento científico: relação sujeito-objeto e desenvolvimento do pensamento. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação [on line]**. 2007, v. 11, n. 22, pp. 313-325. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000200010>. Acesso em jun 2021.

AGUIAR, Maria Isis Freire de *et al.* Promoção da saúde e qualidade de vida: Fundamentais para uma vida saudável e para a prevenção de DST/Aids. *IN: PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa; GUBERT, Fabiane do Amaral (ORG). Promoção da saúde e prevenção das DST/HIV/Aids na adolescência.* Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017. P. 368. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/29289/1/2017_liv_pncpinheiro.pdf. Acesso em mar 2022.

ALMEIDA, Rebeca Aranha Arrais Santos *et al.* Knowledge of adolescents regarding sexually transmitted infections and pregnancy. **Revista Brasileira de Enfermagem [on line]**. 2017, v. 70, n. 5, pp. 1033-1039. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0531>. ISSN 1984-0446. Acesso em set 2021.

AMORAS, Bruna Corrêa; CAMPOS, Atos Rodrigues; BESERRA, Eveline Pinheiro. Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis. **PRACS UNIFAP**. Macapá, v. 8, n. 1, p. 163-171, jan.-jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/download/1668/camposv8n1.pdf>. Acesso em out 2020.

ARAÚJO, Ludgleyson Fernandes de *et al.* Análise da Resiliência entre Pessoas que Vivem com HIV/AIDS: um Estudo Psicossocial. *Psicologia: Teoria e Pesquisa [on line]*. 2019, v. 35 e35416. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35416>. Acesso em set 2021.

AVELLEIRA, João Carlos Regazzi; BOTTINO, Giuliana. Sífilis: diagnóstico, tratamento e controle. **An Bras Dermatol**. 2006; 81(2):111-26. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/abd/v81n2/v81n02a02.pdf>. Acesso em nov 2021.

BARROS, Teodoro *et al.* Um modelo para a prevenção primária de doenças sexualmente transmissíveis e HIV / AIDS em adolescentes. **Rev Panam Salud Publica/Pan Am J Public Health**. 10(2), 2001. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/rpsp/2001.v10n2/86-94/es>. Acesso em set 2021.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicologia escolar e educacional**. 2007, V. 11, N. 1, PP. 63-76. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-85572007000100007>. Acesso em mar 2022.

BORAWSKI, Elaine A. *et al.* "Effectiveness of health education teachers and school nurses teaching sexually transmitted infections/human immunodeficiency virus

prevention knowledge and skills in high school.” **The Journal of school health**, vol. 85, 3 (2015): 189-96. doi:10.1111/josh.12234. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25611941/>. Acesso em set 2021.

BRANDAU, Ricardo; MONTEIRO, Rosangela; BRAILE, Domingo M. Importância do uso correto dos descritores nos artigos científicos. **Brazilian Journal of Cardiovascular Surgery** [online]. 2005, v. 20, n. 1, pp. VII-IX. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-76382005000100004>. Acesso em jul 2021.

BRASIL, CAPES. Documento de Área – Ensino. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ENSINO.pdf>. Acesso em jun 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Curricular Comum. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em abril 2022.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**, Lei Federal nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em mar 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual**. V. 10.5. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** – Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em maio 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais**. 2021. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist>. Acesso em mar 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Divisão Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS: Boletim Epidemiológico HIV/AIDS**, 2017.

BRASIL, Ministério da saúde. **Infecções sexualmente transmissíveis: o que são e como prevenir**. Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/infeccoes-sexualmente-transmissiveis-ist>. Acesso em abr 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)** – Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2015/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-prevencao-da-transmissao-vertical-de-hiv>. Acesso em jul 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Hepatite B e Coinfecções** – Brasília, 2017. Disponível em:

<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2016/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-hepatite-b-e-coinfecoes>. Acesso em nov 2021.

BRASIL, Ministério Da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Passo a passo PSE: Programa Saúde na Escola: tecendo caminhos da intersectorialidade / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília, 2011. Disponível em:** https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/passo_a_passo_programa_saude_escola.pdf. Acesso em jun 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico Especial**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2019/outubro/30/Boletim-S--filis-2019-internet.pdf>. Acesso em set 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Cuidado integral às pessoas que vivem com HIV pela Atenção Básica: manual para a equipe multiprofissional**. Brasília, 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cuidado_integral_hiv_manual_multiprofissional.pdf. Acesso em nov 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Secretaria de Vigilância em Saúde: Sífilis 2018. Boletim Epidemiológico Sífilis, 2018. v. 48, n.36, n. 2358–9450, p. 41.**

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais**. Temas Transversais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>. Acesso em set 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília (DF); 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>. Acesso em maio 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico Especial**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2019/outubro/30/Boletim-S--filis-2019-internet.pdf>. Acesso em set 2021.

BRÊTAS, José Roberto da Silva; SILVA, Conceição Vieira da. Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência. **Acta Paulista de Enfermagem**. 2005, v. 18, n. 3. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002005000300015>. Acesso em out 2020.

BROOME, Marion E., Integrative literature reviews for the development of concepts. In: RODGERS Beth L.; KNAFL, Katleen, editors. **Concept development in nursing: foundations, techniques and applications**. Philadelphia (USA): W.B Saunders Company, 2000. P.231-50. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/238248432_Integrative_literature_reviews_for_the_development_of_concepts. Acesso em jul 2021.

BVS. Biblioteca Virtual da Saúde. **Descritores DeCS**. Disponível em: <https://decs.bvsalud.org/sobre-o-decs/>. Acesso em out 2021.

CAETANO, Athyla *et al.* Prevenção das infecções sexualmente transmissíveis: intervenções escolares desenvolvidas com estudantes do ensino médio. Piúma, ES. **Revista Eletrônica Sala de Aula em Foco**, ISSN 2316-7297 – Volume 7, Número 1, 66-76, 2018. Disponível em: <https://ojs2.ifes.edu.br/index.php/saladeaula/article/view/507>. Acesso em set 2021.

CALDANA, Nárima *et al.* Sífilis primária em adolescente de Ribeirão Preto: um relato de caso. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 922-925, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/22959>. Acesso em set 2021.

CARDIAL, Marcia Fuzaro Terra; *et al.* Papilomavírus humano (HPV). *In: Programa vacinal para mulheres*. São Paulo: Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia; 2019. Cap. 4, p. 26-39. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio1046496>. Acesso em mar 2022.

CAVALCANTI, Patrícia Barreto; LUCENA, Carla Mousinho Ferreira; LUCENA, Pablo Leonid Carneiro. Programa Saúde na Escola: interpelações sobre ações de educação e saúde no Brasil. **Textos & Contextos**. vol. 14, núm. 2, agosto-diciembre, 2015, pp. 387-402 PUC do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3215/321543546014.pdf>. Acesso em nov 2020.

CERQUEIRA, Maria Teresa. **A construção da rede Latino Americana de escolas promotoras de saúde**. *In: Brasil. Ministério da Saúde. Escolas promotoras de saúde: experiências no Brasil Brasília: Ministério da Saúde; 2007.* Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/escolas_promotoras_saude_experiencias_brasil_p1.pdf. Acesso em set 2021.

CHAVES, Ana Clara Patriota *et al.* Conhecimentos e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV. **Revista Brasileira de Enfermagem [on line]**. 2014, v. 67, n. pp. 48-53. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/0034-7167.20140006>. Acesso em abril 2022.

COLARES, Anselmo Alencar; ARRUDA, Elenise Pinto de; COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa. O materialismo histórico dialético aplicado na compreensão do fenômeno educacional. **Cenas Educacionais**, v. 4, p. e11448, 8 jun. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11448/7996>.

CORRÊA, Helena Weschenfelder; TOASSI, Ramona Fernanda Cerio; FIRMINO Luciana Bitello. Programa Saúde na Escola: potencialidades e desafios na construção de redes de cuidado. **Saúde em Redes**. 2018; 4(3):37-47. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/1835/297>. Acesso em set 2021.

CORTEZ, Elaine Antunes; SILVA Lauanna Malafaia da. Pesquisa-ação: promovendo educação em saúde com adolescentes sobre infecção sexualmente transmissível. **Rev enferm UFPE [on line]**. 2017;11(9):3642-9. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/234495/27699> Acesso em set 2020.

COSTA, Ana Cristina Pereira de Jesus *et al.* Vulnerabilidade de adolescentes escolares às DST/HIV, em Imperatriz - Maranhão. **Revista Gaúcha de Enfermagem [on line]**. 2013, v. 34, n. 3, pp. 179-186. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472013000300023>. Acesso em out 2021.

COSTA, Danyella Augusto Rosendo da Silva, *et al.* Educação em saúde sobre doenças sexualmente transmissíveis com adolescentes: um relato. **Rev enferm UFPE [on line]**. Sept, 2012. 6(9): 2312-7. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/7341/6824>. Acesso em set 2021.

DECS, Descritores em Ciências da Saúde. **Ed. rev. e ampl.** São Paulo: BIREME / OPAS / OMS, 2021. Disponível em: <http://decs.bvsalud.org>. Acesso em out 2021.

DOMINGUES, Carmen Silvia Bruniera *et al.* Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: vigilância epidemiológica. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**. 2021, v. 30, n. spe1, e2020549. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-4974202100002.esp1>. Acesso em abril 2022.

DOMINGUES, Sara *et al.* Comportamentos de risco dos adolescentes portugueses e influência do meio ambiente. **Nascer e Crescer**. 2014;23(3):124- 33. Disponível em: https://repositorio.chporto.pt/bitstream/10400.16/1763/1/03_ArtigoOriginal-1_23-3.pdf. Acesso em set 2021.

DRAGO, Francesco *et al.* "A Survey of Current Knowledge on Sexually Transmitted Diseases and Sexual Behavior in Italian Adolescents." **Int J Environ Res Public Health**. vol. 13,4 422. 13 de abril de 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27089354/>. Acesso em out 2021.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**. 2(2): 6-7, abr.-jun. 2005. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/abr-451>. Acesso em nov 2021.

EL KAZDOUH, Hicham *et al.* "Perceptions and intervention preferences of Moroccan adolescents, parents, and teachers regarding risks and protective factors for risky sexual behaviors leading to sexually transmitted infections in adolescents: qualitative findings." **Reproductive health**, vol. 16,1 138. 10 Sep. 2019. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6734522/pdf/12978_2019_Article_801.pdf. Acesso em set 2021.

ESERE, Mary Ogechi. Effect of sex education programme on at-risk sexual behaviour of school-going adolescents in Ilorin, Nigeria. **African Health Sciences**. 2008. Vol. 8, nº 2, p. 120-125. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2584331/>. Acesso em out 2021.

FELISBINO-MENDES, Mariana Santos *et al.* Análise dos indicadores de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes brasileiros, 2009, 2012 e 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. 2018, v. 21, suppl 1, e180013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720180013.supl.1>. Acesso em maio 2022.

FERREIRA, Evanete Antunes; BATTESTIN, Claudia. Integrar saberes advindos das diversidades culturais: base epistemológica para a educação. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 21, n. 230, p. 356-365, 1 set. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/56023>. Acesso em abril 2022.

FERREIRA, Maria Margarida da Silva Reis dos Santos; TORGAL, Maria Constança Leite de Freitas Paúl Reis. Estilos de vida na adolescência: comportamento sexual dos adolescentes portugueses. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. 2011, v. 45, n. 3, pp. 589-595. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/XnPMrVn7MVphMkYSXq9KrQQ/?lang=pt>. Acesso em maio 2022.

FERRO, Laura Dourado *et al.* Incidência de infecção pelo HIV e mortalidade por AIDS em adolescentes no Brasil. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.3, p. 9779-9786 may./jun. 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/download/29269/23088>. Acesso em maio 2022.

FIGUEIREDO, Túlio Alberto Martins de; MACHADO, Vera Lúcia Taqueti; ABREU, Margaret Mirian Scherrer de. A saúde na escola: um breve resgate histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2010, v. 15, n. 2. pp. 397-402. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000200015>. Acesso em out 2021.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico, **Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível**. 2ª ed. – Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina, PR: Eduel. (Coleção Dimensões da Sexualidade), 2020.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual e Política de Leturização: uma junção promissora. **Revista. Bras. Est. Pedag.** Brasília, v.76, n.184, p.699-734, 1995. Disponível em: <http://www.rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1188/927>. Acesso em out 2021.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. *In: Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum/* Mary Neide Damico Figueiró (org.). – Londrina: UEL, 2009. 190p. Disponível em: http://www.cepac.org.br/blog/wp-content/uploads/2011/07/Educacao_Sexual_Multiplos_Temas.pdf. Acesso em abril 2022.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Autêntica, Belo Horizonte, 2011.

GANONG, Lawrence H. Integrative reviews of nursing research. **Research in nursing & health** vol. 10,1 (1987): 1-11. doi:10.1002/nur.4770100103. Acesso em out 2021.

GENZ, Niviane *et al.* Sexually transmitted diseases: knowledge and sexual behavior of adolescents. **Texto & Contexto - Enfermagem**. 2017, v. 26, n. 02. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072017005100015>. Acesso em out 2021.

GOMES, Mauro de Lima. **Política Nacional de Promoção da Saúde**: potência de transformação ou política secundária? 2009. 88 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://www.ppfh.com.br/wpcontent/uploads/2014/01/D_politicanacional.pdf. Acesso em nov 2021.

GONÇALVES, Adair Vieira; FERRAZ, Mariolinda Rosa Romera. Sequências Didáticas como instrumento potencial da formação docente reflexiva, **Delta**, 2016. p. 119-141. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/BdXFNxKcRz4gTCGGYPhmzPq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em out 2021.

GONÇALVES, Helen *et al.* Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. **Revista Brasileira de Epidemiologia [on line]**. 2015, v. 18, n. 1, pp. 25-41. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/GSnQgG67q3MJcqpKXCfGCVv/?lang=pt>. Acesso em nov 2021.

GONDIM, Priscilla Santos *et al.* Acessibilidade de adolescentes a fontes de informação sobre saúde sexual e reprodutiva. **Rev. bras. crescimento desenvolv. zumbir**. São Paulo, v. 25, n. 1, pág. 50-53, 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822015000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em out 2021.

JORGE, Sandra Antunes *et al.* Conhecimento e comportamento dos adolescentes de uma escola pública sobre sexualidade e métodos contraceptivos. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 41, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/2408/2183>. Acesso em mar 2022.

LEIGH Bárbara C. Alcohol and condom use: a meta-analysis of event-level studies. **Sex Transm Dis**. 2002; 29(8):476-482. Disponível em: https://journals.lww.com/stdjournal/Fulltext/2002/08000/Alcohol_and_Condom_Use__A_Meta_Analysis_of.8.aspx. Acesso em mar 2022.

MACHADO, Beatriz Jorge Macedo de *et al.* Educação sexual e infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes do ensino médio em Goiânia – Goiás. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.11, p. 101765-101781 nov. 2021. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/download/38901/pdf>. Acesso em abril 2022.

MACOUNOVÁ, Petra *et al.* "Education of Adolescents in the Prevention of HIV/AIDS in the Czech Republic." **International journal of environmental research and public health** vol. 18,11 6148. 7 Jun. 2021. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8201296/>. Acesso em set 2021.

MATTA, Thenessi Freitas *et al.* Diversidade sexual na escola: estudo qualitativo com estudantes do Ensino Médio do Município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública [on line]**. 2021, v. 37, n. 11. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00330820>. Acesso em set 2021.

MCMANUS, Alexandra; DHAR, Lipi. "Study of knowledge, perception and attitude of adolescent girls towards STIs/HIV, safer sex and sex education: (a cross sectional survey of urban adolescent school girls in South De>Ihi, India)." **BMC women's health**, vol. 8 12. 23 Jul. 2008, doi:10.1186/1472-6874-8-12. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18647417/>. Acesso em out 2021.

MELNYK, Bernadette Mazurek; FINEOUT-OVERHOLT Ellen. Making the case for evidence-based practice. *In:* Melnyk, Bernadette Mazurek; Fineout-Overholt Ellen. Evidence-based practice in nursing & healthcare. A guide to best practice. Philadelphia: Lippincot Williams & Wilkins; 2005. p.3-24.

MESQUITA, Jaislâny de Sousa *et al.* Fatores de risco e de proteção entre adolescentes em relação às dst/hiv/aids. **Rev enferm UFPE on line**. 11(3): 1227-33, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/13498/16227>.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas *et al.* Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista Sustinere**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 414 - 430, jan. 2019. ISSN 2359-0424. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/41193>. Acesso em set 2021.

NELSON, Ana Raquel Cortês *et al.* Conhecimento de estudantes adolescentes sobre transmissão, prevenção e comportamentos de risco em relação às DST/HIV/AIDS. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental [S. l.]**, v. 8, n. 4, p. 5054–5061, 2016.. Disponível em: <http://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/3634>. Acesso em mar 2022.

NERLING, Maria Andréia Maciel; DARROZ, Luiz Marcelo. Tecnologias e aprendizagem significativa. **Cenas Educacionais**, v. 4, p. e10956, 14 jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/10956>. Acesso em mar 2022.

OLIVEIRA, Márcio de; PEIXOTO, Reginaldo; MAIO, Eliane Rose. A família e a escola como responsáveis da formação sexual de uma criança. 2013. **XI Congresso Nacional de Educação**. PUC, Curitiba. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7555_4852.pdf. Acesso em nov 2021.

OROFINO, M. I. Ciranda de sentidos: as crianças, consumo cultural e mediações. *In:* FANTIN, M. GIRARDELLO, G. (Orgs). **Liga, roda, clica: Estudos em mídia, cultura e infância**. São Paulo: Papyrus, 2008.

PEREIRA, Francisco Vaz; COSTA, João Borges da. Chlamydia Trachomatis Infecções Genitais em Adolescentes Portugueses. **Revista da Sociedade Portuguesa de Dermatologia e Venereologia**, v. 78, n. 3, pág. 237-243, set 2020. Disponível em: <https://revista.spdv.com.pt/index.php/spdv/article/view/1226>. Acesso em set 2021.

PÉREZ, Sonsoles Callejas *et al.* Intervenção educacional para prevenção de gravidez não desejada e de doenças sexualmente transmissíveis em adolescentes na cidade de toledo. **Rev Esp Salud Pública**. 2005, Vol. 79, N.º 5. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/resp/2005.v79n5/581-589/es>. Acesso em out 2021.

PINTO, Valdir Monteiro *et al.* Fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis: inquérito populacional no município de São Paulo, **Ciênc. saúde colet**. 23 (7). Jul. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/wwgnzLKCkqD4pbtcJ4B76td/?lang=pt>. Acesso em mar 2022.

QUEIROZ, Artur Acelino Francisco Luz Nunes *et al.* Sex education for adolescents by teachers from a community education center. **J Res Fundam Care**. 2016 Oct/Dec; 8(4): 5120-5. Disponível em: <http://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/4953>. Acesso em nov 2021.

QUEIROZ, Vanessa dos Reis; ALMEIDA, Janie Maria de. Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, [S. l.], v. 19, n. 4, p. 209–214, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/31788>. Acesso em fev 2022.

RIZZATI, Ivanise Maria *et al.* Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **ACTIO**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/download/12657/7658>. Acesso em set 2020.

ROMA, Thayná de Aguiar; FERREIRA, Aurino Lima Ferreira. As concepções de sexualidade de estudantes do curso de pedagogia da universidade federal de Pernambuco a partir dos estudos de Furlani. **Repositório da UFPE**. Disponível em: https://www.ufpe.br/documents/39399/2442885/ROMA_+FERREIRA+-+2018.2.pdf/f5314800-8ad4-4c18-b16d-8876e0bbba0f. Acesso em set 2020.

ROSA, Laura Melo *et al.* Promoção da saúde na escola: prevenção da gravidez e de infecções sexualmente transmissíveis. **Brazilian Journal of Health Review**. v. 3, n. 1, p. 706-716, 2020. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/download/6580/5793>. Acesso em set 2021.

RUFINO, Camila Borges *et al.* Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. **Rev. Eletr. Enf**. 2013 out/dez;15 (4):983-91. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i4.19941>. Acesso em nov 2021.

RUSSO, Kalline; ARREGUY, Marília Etienne. Projeto "Saúde e Prevenção nas Escolas": percepções de professores e alunos sobre a distribuição de preservativos masculinos no ambiente escolar. **Temas Livres. Physis** 25 (2). Apr-Jun 2015. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/h3DNCjjK7ntk5xPp8CdxBkB/?lang=pt#>. Acesso em set 2020.

RUZANY, Maria Helena *et al.* A violência nas relações afetivas dificulta a prevenção de DST/AIDS?. *J. Pediatr. (Rio J.)*, Porto Alegre, v. 79, n. 4, p. 349-354, Aug. 2003. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572003000400014&lng=en&nrm=iso. Acesso em abr 2022.

SALGADO, Valter de Lima; AZEVEDO, Cleomar. Relação professor e aluno: é importante no processo do ensino da leitura e da escrita. *In: 6º Congresso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología 21ª Jornadas de Investigación 10º Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, (Anais). Buenos Aires, 2014. P. 243-246.* Disponível em: <https://www.academica.org/000-035/412.pdf>. Acesso em set 2020.

SANTOS Cristina Mamédio da Costa; PIMENTA Cibele Andrucio de Mattos; NOBRE Moacyr Roberto Cuce. A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. **Rev Latino-Am Enfermagem**. 2007;15 (3):508-11. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692007000300023>. Acesso em set 2021.

SANTOS, Bruno Freitas. O multiculturalismo na educação. Margens: **Revista Interdisciplinar do PPGCITI**, Abaetetuba, v. 14, n. 22, p. 88-101, jun. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v14i22.9647>. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/13173>. Acesso em nov 2021.

SILVA, Carlos dos Santos; BODSTEIN, Regina Cele de Andrade. Referencial teórico sobre práticas intersectoriais em Promoção da Saúde na Escola. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2016, v. 21, n. 6, pp. 1777-1788. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015216.08522016>.

SILVA, Maria Regina Bernardo da, *et al.* Porque elas não usam?: um estudo sobre a não adesão das adolescentes ao preservativo e suas repercussões. **Saúde em Redes**. 2015; 1 (4): 75 – 83. Disponível em: http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/633/pdf_17. Acesso em set 2021.

SILVA, Renan da. Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs. **Educar em Revista [on line]**. 2015, v. 00, n. 57, pp. 221-238. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.41170>.

SOARES, Leonardo Ribeiro. *et al.* Avaliação do comportamento sexual entre jovens e adolescentes de escolas públicas. **Adolesc. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 76-84, 2015. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/abr-503>. Acesso em mar 2022.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein** (São Paulo), São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, mar. 2010. Disponível em: https://journal.einstein.br/wp-content/uploads/articles_xml/1679-4508-eins-S1679-45082010000100102/1679-4508-eins-S1679-45082010000100102-pt.pdf?x56956. Acesso em nov 2021.

SPINOLA, Mara Cristiany Rodrigues. Fatores associados a iniciação sexual precoce de adolescentes em santarém, Pará. **SANARE - Revista de Políticas Públicas**, [S. l.], v. 19, n. 1, 2020. DOI: 10.36925/sanare.v19i1.1385. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1385>.

TORRES, Cibele Almeida; BESERRA, Eveline Pinheiro; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: percepções sobre a sexualidade dos adolescentes. **Escola Anna Nery Ver. Enfer.** 2007, v. 11, n. 2, pp. 296-302. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-81452007000200017>>. Acesso em ago 2021.

UNAIDS. JOINT UNITED NATIONS PROGRAM ON HIV/AIDS. United Nations Political Declaration on HIV and AIDS - **Indicators for monitoring the 2016**. Disponível em: <https://www.unaids.org/en/resources/documents/2016/Global-AIDS-update-2016>. Acesso em set 2021.

USP – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, Faculdade de Odontologia de Bauru. Serviço de documentação e divulgação: qual a diferença entre Medline® e Pubmed®? São Paulo, 2010. Disponível em: <http://sddinforma.fob.usp.br/qual-a-diferenca-entre-medline-e-pubmed/>. Acesso em set 2021.

VELÁSQUEZ, Aníbal *et al.* Efeito de um CD multimídia (planeta de risco Xero) sobre o conhecimento, atitudes e práticas sobre doenças sexualmente transmissíveis e HIV / AIDS de adolescentes de escolas da região metropolitana de Lima. **An. Fac. med.** Lima, v. 66, n. 3, p. 232-240, set. 2005. Disponível em: http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1025-55832005000300007&lng=es&nrm=iso. Acesso em set 2021.

VIEIRA, Kléber José et al. Conhecimentos de adolescentes sobre métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis. **Ver baiana enferm.** 2021;35: e39015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/39015/24152>. Acesso em maio 2022.

WHO World Health Organization. **Global health sector strategy on sexually transmitted infections, 2016-2021: Towards ending STIs**. Report No.: WHO/RHR/16.09. Geneva: WHO; jun. 2016. Disponível em: <https://www.who.int/reproductivehealth/publications/rtis/ghss-stis/en/>. Acesso em set 2021.